



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CAMPUS BAGÉ**

**ALINE GIORGIS SANTOS SIMÕES**

**DEVIR-FÊNIX:  
(RE) EXISTIR PARA TORNAR-SE OUTRA(S)**

**Bagé  
2020**

**ALINE GIORGIS SANTOS SIMÕES**

**DEVIR-FÊNIX:  
(RE)EXISTIR PARA TORNAR-SE OUTRA(S)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino – Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Mari da Silva Voss.

**Bagé**

**2020**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S593d Simões, Aline Giorgis Santos Simões  
DEVIR-FÊNIX: (RE) EXISTIR PARA TORNAR-SE OUTRA(S) / Aline  
Giorgis Santos Simões Simões.  
88 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa,  
MESTRADO EM ENSINO, 2020.

"Orientação: Dulce Mari da Silva Voss. Voss."

1. Violência Sexual . 2. Clínica Poética. 3. Pedagogia  
Profana. 4. Experimentação. 5. Devires. I. Título.

ALINE GIORGIS SANTOS SIMÕES

DEVIR-FÊNIX:

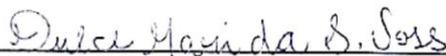
(RE) EXISTIR PARA TORNAR-SE OUTRA(S)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino – Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Mari da Silva Voss.

Dissertação defendida e aprovada em: 14 de agosto de 2020.

Banca examinadora:

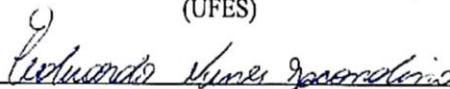


Prof. Dra. Dulce Mari da Silva Voss

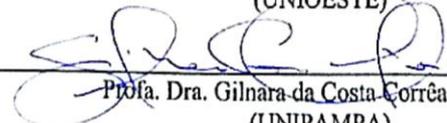
Orientadora  
(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Fernando Hiroshi Yonezawa  
(UFES)



Prof. Dr. Eduardo Nunes Jacondino  
(UNIOESTE)



Prof. Dra. Gilnara da Costa Corrêa Oliveira  
(UNIPAMPA)

Bagé

2020

Dedico esta dissertação às pessoas que atribuíram sentido a minha prática profissional. Mulheres e crianças que atravessaram as fronteiras da violência sexual, ensinando-me o real significado de coragem. Nossa relação ético-afetiva tornou possível essa escrita.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela saúde e forças para chegar até aqui.

A minha família, meu tesouro mais precioso, que sempre me incentivou, fornecendo o apoio necessário para que eu prosseguisse independente de qualquer dificuldade.

A meu pai, a estrela mais brilhante do céu, que enquanto esteve compartilhando essa existência comigo deixou seu legado de amorosidade, persistência e coragem.

A minha mãe, mulher forte e guerreira, modelo de profissional. Dentre tantas coisas que aprendi com ela, sigo a risca o seu modo de “acolher”.

A minha irmã Hélen Giorgis, se não fosse pela tua luz e direção, eu não teria dado esse passo tão importante rumo a um mestrado.

Ao meu irmão Gustavo Giorgis, agradeço pelo apoio, pelo olhar técnico, crítico e sensível, pelo companheirismo nos instantes mais importantes desta produção dissertativa.

Ao meu irmão Daniel Giorgis, a minha sobrinha Alice Giorgis, às cunhadas Vera Pedroso e Milena Esmério, agradeço a cada momento de apoio, alegria e distração, linhas de fuga tão necessárias.

Ao meu filho, Emmânuel Giorgis, gratidão pelo amor que transborda em mim, e não permite que eu desista de nada.

Ao meu companheiro de vida, Marcelo Simões, gratidão pelo amor, parceria, confiança e compreensão.

A minha Orientadora, professora Dra. Dulce Mari da Silva Voss, agradeço pelo apoio atencioso e encorajador, pelas potentes inquietações e deslocamentos, pela dedicação incansável da execução do projeto à escrita.

Ao grupo de pesquisa Philos Sophias, gratidão pelos aprendizados e pela disponibilidade incondicional de cada integrante.

Aos professores, colegas e amigos, agradeço a possibilidade de trocas tão significativas.

A equipe CREAS, agradeço a oportunidade de tanto aprendizado. Lidávamos com situações pesadas e dolorosas diariamente, mas nosso espírito de grupo, união e cumplicidade refletia em um fazer potente e prazeroso.

Aos personagens principais dessa pesquisa, a minha honra e gratidão por terem compartilhado comigo as suas histórias de lutas e de glórias.

## RESUMO

Essa Dissertação constitui-se de movimentos do pensamento em torno da problemática violência sexual enquanto dispositivo de governo dos corpos e mentes e da vida de populações. Práticas discursivas e não-discursivas, relações de poder-saber e regimes de verdade que, sob a égide de concepções modernas, fabricam categorias como infância, adolescência, família, corpo, gênero, sexualidade, entre outras formas de nomear subjetividades e definir categorias normais e anormais. Dispositivos engendrados nos/pelos campos científicos da Psicologia e da Educação. Suspeitar e suspender tais práticas foi o exercício do pensamento que experimentei aliada às teorias pós-estruturalistas e filosofias da diferença ao mover-me em direção a uma perspectiva de atuação educativa inspirada na psicologia clínico-poética de Bom-Tempo e na pedagogia profana de Larrosa. Por meio de uma pesquisa cartográfica compus com mulheres e crianças o Projeto de Extensão (Re)Inventar Existências, onde encontros e (re)encontros aconteceram em diferentes territórios e ambientações. E, nesses, a criação e manifestação de perceptos e afectos em forças reativas às dores sofridas com a violência sexual e forças ativas movidas como potência e desejo de (re)inventar existências foram vividas intensamente. Daí, surge a arte de (re)existir para tornar-se outras, devires mulher fênix.

**Palavras-chave:** Violência sexual. Clínica Poética. Pedagogia Profana. Experimentação. Devires.

## ABSTRACT

This Dissertation consists of movements of thought around the problematic sexual violence as a discursive and non-discursive practice that establishes relations of knowledge power and regimes of truth as devices of governance of bodies and minds and the life of populations, under the aegis of modern conceptions that manufacture categories such as childhood, adolescence, family, body, gender, sexuality, among others that name subjectivities and define normal and abnormal categories. Powers and knowledge that sustain practices in the scientific fields of Psychology and Education. Allied to post-structuralist theories and philosophies of difference I use other conceptual devices to move towards a perspective of educational action inspired by the clinical-poetic psychology of Good-Time and the profane pedagogy of Larrosa. Through a cartographic research I present the rhizomatic composition of the meetings and (re)meetings, promoted with the extension Project (Re)Inventing Existences, where territory and different environments were inhabited and moved perceptions and affections about reactive forces that insist on imprisoning bodies and minds to the memories of pain suffered and, at the same time, active forces of indignation and resistance act as a power of vital desire. Hence, it is possible to experience the art of existence in devires phoenix and child women, intense and joyful.

**keywords:** Sexual violence. Poetic clinic. Profane pedagogy. Trial. Devires,

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Fênix.....	11
Figura 02: Violência sexual - Brasil (2011-2017).....	20
Figura 03: Características sociodemográficas de crianças afetadas pela violência sexual - Brasil (2011-2017).....	21
Figura 04: Características sociodemográficas de crianças afetadas pela violência sexual - Brasil (2011-2017).....	22
Figura 05: Características sociodemográficas de adolescentes vítimas de violência sexual Brasil (2011-2017).....	23
Figura 06: Características do provável autor da violência sexual contra adolescentes - Brasil (2011-2017).....	24
Figura 07: Ambientes e materialidades.....	48
Figura 08: Habitando novos territórios.....	52
Figura 09: Criar.....	53
Figura 10: O que podem os corpos?.....	53
Figura 11: Devires Criança.....	57
Figura 12: Corpos dançantes.....	57
Figura 13: Conversas com Clarice.....	58
Figura 14: Histórias de mulheres.....	58
Figura 15 Doçuras e travessuras.....	62
Figura 16: Devires Mulher.....	63
Figura 17: Novas Performances.....	64
Figura 18: Rizomas 1.....	68
Figura 19: Rizomas 2.....	68

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CADRI	Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
EEVII	Escala de Exposição à Violência Intrafamiliar na Infância
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FURG	Fundação Universidade do Rio Grande
MS	Mato Grosso
RS	Rio Grande do Sul
SIGO	Sistema Integrado de Gestão Operacional
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa
UNIOESTE	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

## SUMÁRIO

<b>1 INICIAR PELO MEIO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 REVERBERAÇÕES DISCURSIVAS E AGENCIAMENTOS MACROPOLÍTICOS DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA SEXUAL.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 Discursos acadêmicos: o que dizem as pesquisas sobre violência sexual? .....</b>	<b>26</b>
<b>3 SEXUALIDADE E (RE)INVENÇÃO DE EXISTÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 O poder-saber da(s) psicologia(s).....</b>	<b>37</b>
<b>3.2 Psicologia(s) em devir.....</b>	<b>39</b>
<b>4 A PESQUISA CARTOGRÁFICA.....</b>	<b>43</b>
<b>4.1 Encontros com o (in)esperado.....</b>	<b>48</b>
<b>4.1.1 Trajetos nômades.....</b>	<b>56</b>
<b>4.1.2 Corpos nômades.....</b>	<b>61</b>
<b>4.1.3 Bando.....</b>	<b>67</b>
<b>5 REVOADAS: VIDAS QUE PASSAM, PASSARÃO, PÁSSAROS.....</b>	<b>70</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>77</b>
<b>Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>78</b>
<b>Apêndice B – Questionário Sócio-Econômico-Familiar.....</b>	<b>79</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>81</b>
<b>Anexo A – Conto “Amor” .....</b>	<b>82</b>

## 1 INICIAR PELO MEIO

Mulheres e crianças que (re)inventam existências, lembram-me a figura da Fênix, um pássaro com penas brilhantes, douradas e vermelho-arroxeadas, maior que uma águia, inventado pela mitologia grega, e que, segundo conta a lenda, poderia viver mais de quinhentos anos, já que, ao final de cada ciclo de vida, entraria em autocombustão, morrendo em chamas. Depois de algum tempo, renasceria das próprias cinzas, cada vez mais forte (ALMEIDA, 2019).

**Figura 01: Fênix**



Fonte: Elo7 (2019).

Daí, invento o Devir Fênix, por acreditar que a dor pode levar à morte, mas a morte não finda a vida, outras vidas podem nascer de outras formas quando a dor e o sofrimento transformam-se em forças ativas, em potências que desejam outras vidas. (Re)existir é possível! Viver é isso, embate constante entre forças reativas, que capturam nossos corpos e os prendem às dores e sofrimentos, e forças ativas, que investem na potência de (re)invenção de existências.

É disso que quero falar, pois é assim que percebo e sinto o que vivo como mulher, pesquisadora e psicóloga, ao pensar existências forjadas e marcadas pelo duelo de forças de vida e de morte e que desejam renascer como Fênix para fortalecer vidas outras e outras vidas.

Experiências que me trazem até aqui, como as que vivi no CREAS da cidade de Bagé (RS), durante o período de 2016 a 2018, onde atuei como psicóloga e orientadora social no atendimento aos casos de violência sexual e que dispararam em mim o desejo de retomar o

contato com mulheres e crianças lá atendidas para convidá-las a participar da minha pesquisa de Mestrado. Encontros potentes que aconteceram, durante o ano de 2019, por meio do Projeto de Extensão (Re)Inventar Existências promovido pelo Grupo de Pesquisa Philos Sophias, do qual faço parte. Encontros que se constituíram em micropolíticas de criação de forças ativas frente à violência sexual e que nos possibilitaram experimentar a (re)invenção de nossas existências.

Para tanto, algumas formulações teóricas, conceitos Pós-Estruturalistas das Filosofias da Diferença de Foucault, Deleuze, Guattari e outros/as pesquisadores/as filiados/as a essa linha de pensamento serviram como dispositivos de análise da temática violência sexual e das experimentações que vivi na pesquisa.

Com Foucault, pude problematizar os processos históricos de produção discursiva (o dizível e o enunciável) e não-discursiva (relações de poder e saber, regimes de verdade e modos de subjetivação) em que corpos, gêneros, sexualidades e formas de violência sexual vêm sendo reiteradamente fabricadas e governadas nas sociedades ocidentais modernas. Contingências históricas, sociais, culturais e políticas que produzem recorrentes situações de violência sexual sustentadas e sustentando práticas discursivas e relações de poder e saber que dão vazão a diferentes perspectivas epistemológicas. Uma delas, a que vejo ainda prevalecer nos contextos em que atuo, refere-se à concepção de Psicologia e Educação fundadas pelo pensamento moderno como verdades totalizantes que legitimam saberes científicos clínicos e pedagógicos ancorados no Humanismo<sup>1</sup>. Epistemologia fundadora da ideia de um “eu” dividido entre o consciente e o inconsciente<sup>2</sup> individualizado e restrito a um sujeito universal.

Verdades que modelam a atuação de profissionais de ensino e da Psicologia que insistem na individualização, culpabilização e vitimização e no tratamento restritivo aos ambientes de convivência privada em que ocorrem os casos de violência sexual (como os ambientes familiares, os espaços escolares e as relações interpessoais), sem considerar as relações entre contingências macro e micropolíticas que fabricam e colocam em circulação tais discursos. Tendemos, assim, a atuar como agentes de disciplinamento e patologização dos

---

<sup>1</sup> Trata-se do modo de ser do homem, presente no fundamento de todas as positivities, e no elemento das coisas empíricas que toma por objeto o homem no que ele tem de empírico (FOUCAULT, 2000).

<sup>2</sup> As categorias consciente (como real) e inconsciente (uma zona desconhecida da mente humana onde se produzem neuroses e psicoses) são dois termos tomados como distintos desde a psiquiatria elaborada por Freud quando este cria a figura de Édipo para explicar a produção do desejo e da libido no seio das relações familiares entre pai, mãe e filho. Deleuze e Guattari (2004), desmontam com o triângulo edípico freudiano, afirmando que a figura de Édipo corresponde a uma relação entre capitalismo e esquizofrenia, já que tratar-se-ia da exigência social de domesticar uma matéria e uma forma genealógica que escapa a ordem posta, ou seja, o desejo de amor do filho pela mãe e a aversão ao pai não caberia no código social vigente, portanto, devia ser afastado para um plano metafísico, o inconsciente que associado ao consciente, reestabeleceria a unidade das coisas reais.

corpos afetados pela violência sexual sem problematizar os modos e circunstâncias sociais e culturais de produção e captura de existências de crianças, adolescentes e mulheres. Com isso, reforçamos cerceamentos e silenciamentos, práticas discursivas, relações de poder e saber e regimes de verdade embasados no modelo ocidentalizado de “ser humano”, de “homem eurocêntrico” e da “família patriarcal”.

Práticas discursivas e não-discursivas que atuam na captura de corpos e mentes via regimes de poder disciplinar e que, atualizados contemporaneamente, governam populações por meio dos dispositivos de produção biopolítica (FOUCAULT, 2008). Refiro-me a constante proliferação de discursos agenciados por instituições estatais, jurídicas, administrativas, agências publicitárias, mídias que veiculam dados estatísticos e criam demandas acerca da violência sexual, as quais agem para a regulação das condutas individuais e coletivas.

Macropolíticas que regulam a vida social, esquadrinhando “populações de risco pessoal e social pela violação de direitos” e que capturam vidas sob uma malha discursiva de proteção a cargo de instituições públicas, como o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), o qual define e organiza a política de assistência social nacional via normatização de padrões nos serviços prestados, qualidade no atendimento, indicadores de avaliação e resultado, nomenclatura dos serviços e da rede socioassistencial (SANTOS, 2012, p. 49).

Fazem parte desta rede do SUS as unidades regionais e municipais dos Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS) que, segundo o Guia de Orientações Técnicas define-se como:

[...] uma unidade pública estatal, de abrangência municipal ou regional, referência para a oferta de trabalho social a famílias e indivíduos em situação de risco pessoal e social, por violação de direitos, que demandam intervenções no âmbito do Suas. Sua gestão e funcionamento compreendem um conjunto de aspectos, tais como: infraestrutura e recursos humanos compatíveis com os serviços prestados ofertados, trabalho em rede, articulação com as demais unidades e serviços da rede socioassistencial, das demais políticas públicas e órgãos de defesa de direitos, além da organização de registros de informação e o desenvolvimento de processos de monitoramento e avaliação das ações realizadas (BRASIL, 2011, p. 8).

Hoje, percebo que minha atuação como psicóloga e orientadora social no CREAS incidia sobre os vínculos afetivos e/ou familiares das crianças e adolescentes atendidos. Detinha-me a agir no acompanhamento terapêutico das dores individuais e familiares causadas pelas situações de violência sexual que chegavam até mim, pois percebia que, na maioria dos casos, os agressores eram homens, pais, avôs, irmãos, padrastos, tios ou namorados das mães que conviviam com as crianças e adolescentes agredidas. Casos de

violência ocorridos nos ambientes intrafamiliares, mostrando que os espaços domésticos nem sempre oferecem proteção às crianças, adolescentes e mulheres.

A partir dos estudos e leituras que fui experimentando na linha Pós-Estruturalista e das Filosofias da Diferença, grandes desafios desenharam-se. Deslocamentos também vividos ao longo do Projeto de Extensão em que busquei com a ajuda de meus aliados/as (os autores estudados, outros/as integrantes do Grupo de Pesquisa e, principalmente, com as crianças e mulheres participantes do Projeto) criar possibilidades de subversão, transgressão e (re)invenção de existências ao mobilizar forças vitais de transgressão às violências sexuais.

Ao experimentar o pensamento rizomático<sup>3</sup> em Deleuze e Guattari (2011), passei a olhar a problemática das violências sexuais como multiplicidades<sup>4</sup> atravessadas por relações travadas em espaços sociais e privados, macro e micropolíticos, de forma ampla, multifacetada e aberta, ora produzindo forças reativas, ora forças ativas, ora ambas.

Esta perspectiva leva-me a deslocar o pensamento em outras direções, subvertendo e desnaturalizando a ordem totalizante de culpabilização, vitimização e patologização das violências que se ancora no cientificismo moderno, lançando-me no desafio de experimentar outros modos de pensar e agir como psicóloga, educadora, pesquisadora e ser vivente nos mundos que passo a habitar.

Essa escrita vai nessa direção, pois com ela pretendi aproximar os campos científicos da Educação e da Psicologia num esforço de suscitar deslocamentos em relação às práticas clínicas e pedagógicas modernas e colocar em circulação discursos e relações que possam ativar e aliar potências para transpor as circunstâncias de adoecimento, culpabilização e vitimização das violências sexuais. Experimentar a criação de planos de imanência em encontros forjados com outros/as que venham habitar e fabular territórios existenciais abertos ao que Bom-Tempo chama de clínica poética, sugerindo uma clínica que tenciona encontros com a poética, meios para a construção de experiências, não como caminhos dados a priori, mas pela via de experimentações que estabelecem “planos de relações entre formas e forças, que fazem nascer outros modos de ver e sentir. Está-se à procura de encontros entre pensamento e experiência; entre as condições de experiência que forcem o pensamento” (BOM-TEMPO, 2015, p. 27).

<sup>3</sup> O conceito de rizoma designa a operação do pensamento intermezzo que se dá na criação e movimento de linhas, emaranhado de fios que se conectam, atravessam estratos e abrem novas possibilidades, forças que se movem como fluxos intensos em diferentes direções e produzem devires.

<sup>4</sup> Multiplicidades são determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade). Se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras; não se deixam sobrecodificar, são planas, uma vez que elas preenchem, ocupam todas as suas dimensões (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 15).

Encontros intensivos que podem aliar as práticas psicológicas e educativas ao entender que é possível fazer da educação, como nos propõe Larrosa (2017), “a forma com que o mundo recebe os que nascem”, ou seja, pedagogia profana que acontece em encontros abertos ao porvir, receber o novo e criar “um espaço em que aquele que vem possa habitar”. Educação profana como nos diz o autor:

A educação é o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades respondem à chegada daqueles que nascem. A educação é a forma com que o mundo recebe os que nascem. Responder é abrir-se à interpelação de uma chamada e aceitar uma responsabilidade. Receber é criar um lugar: abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar; pôs-se à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à lógica que impera em nossa casa (LARROSA, 2017, p. 234-235).

Uma verdadeira experiência que só acontece quando se está aberto ao estranho, ao desconhecido, pois “o sujeito da experiência é aquele que sabe enfrentar o outro enquanto outro e está disposto a perder o pé e se deixar tombar e arrastar por aquele que lhe vai ao encontro: o sujeito da experiência está disposto a se transformar numa direção desconhecida” (IDEM, 2017, p. 245).

Desse modo, os encontros que experimentamos no Projeto de Extensão foram inspirados nas proposições de uma clínica poética e da pedagogia profana, em diferentes ambientações que compuseram perceptos e afectos abertos ao novo, ao porvir.

Apresento o resultado dessa criação em três movimentos de escrita: primeiro, anuncio a proliferação discursiva da problemática violência sexual de dois modos, problematizo as macropolíticas que engendram a regulação da vida das populações nomeadas como “autores” e “vítimas” das violências sexuais e as medidas protetivas anunciadas pela atuação do Estado Brasileiro, e numa outra linha, trago a produção acadêmica como práticas discursivas que incorporam análises que alargam a discussão dessa temática, porém, nem sempre penetram no âmago das concepções modernas que fabricam categorias como infância, adolescência, família, corpo, gênero, sexualidade, entre outras, para delas falar e poder governar. Num segundo movimento de um pensamento intermezzo, procuro firmar a perspectiva de análise a qual me alio ao trabalhar com estudos de Foucault acerca da produção discursiva e não-discursiva da sexualidade nas culturas ocidentais e os poderes e saberes que sustentam práticas nos campos científicos da Psicologia, daí avanço para as Filosofias da Diferença, operando, principalmente, com conceitos criados por Deleuze e Guattari para propor psicologias em devir. E, num terceiro movimento, descrevo a caixa de ferramentas da pesquisa cartográfica que inventei com a criação micropolítica de territórios de encontros com

um corpo coletivo de mulheres e crianças, que conheço e convivo desde a época em que atuei no CREAS, para com elas experimentar forças e potências de (re)invenção de existências. Ao final, ensaio considerações provisórias sobre o exercício do pensamento empreendido até aqui, na esperança de que essa produção dissertativa sirva a outros estudos e, mais do que isso, forje devires inventivos de outras vidas intensas e alegres.

## 2 REVERBERAÇÕES DISCURSIVAS E AGENCIAMENTOS MACROPOLÍTICOS DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA SEXUAL

A violência sexual constitui-se numa problemática anunciada e evidenciada pela circulação e proliferação de discursos que circunstanciam relações de poder e saber e que subjetivam crianças, adolescentes e mulheres de diversos modos. São práticas discursivas e não-discursivas que definem e norteiam as macropolíticas de enfrentamento à violência, por meio de ações de intervenção que engendram um jogo de relações sociais, políticas e educativas em nome da proteção e do atendimento aos direitos de crianças e jovens posicionados como sujeitos de direitos violados e vítimas da violência.

Trago aqui alguns discursos que visam caracterizar as formas de violência: física, psicológica e sexual, a qual se desdobra em abuso sexual e exploração sexual comercial nos casos de prostituição, pornografia, turismo sexual e tráfico de pessoas para fins sexuais.

Minayo (2007 *apud* FALEIROS; FALEIROS, 2007, p. 31) diz que violência é: "[...] todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar dano físico, sexual e/ou psicológico" a crianças e adolescentes. E que todas as formas de violência podem gerar:

[...] consequências e sequelas físicas, psicológicas e sociais extremamente graves, e configuram como ausência ou vazio de afeto, de reconhecimento, de valorização, de socialização, de direitos (filiação, convivência familiar, nacionalidade, cidadania) e de pleno desenvolvimento infanto-juvenil (MINAYO, 2007, *apud* FALEIROS; FALEIROS, 2007, p. 31).

Logo, a violência física é entendida como aquela que deixa marcas e sequelas no corpo de crianças e adolescentes (lesões, ferimentos, fraturas, queimaduras, traumatismos, hemorragias, escoriações, lacerações, arranhões, mordidas, equimoses, convulsões, inchaços, hematomas, mutilações, desnutrição e até morte). Apresenta-se em diferentes graus, cuja severidade e gravidade podem ser medidas pela intensidade da força física utilizada pelo agressor, pelo grau de sofrimento causado, pela gravidade dos ferimentos ocasionados, pela frequência com que é aplicada e pelas sequelas físicas e psicológicas que provoca. É acompanhada pelo medo, pelo terror, pela submissão, pelo espanto, pelo sofrimento psíquico, constituindo-se ao mesmo tempo em violência psicológica (FALEIROS; FALEIROS, 2007).

As formas de violência física são identificadas como: a disciplina física abusiva com fins corretivos (tapas, surras e agressões com qualquer tipo de objeto), torturas, privações físicas deliberadas (de comer e de beber), restrições de movimentos (confinamento), privação

ou transferência de abrigo (expulsão do lar, colocação em outra residência, internação), trabalho forçado e inadequado à idade e desenvolvimento do vitimizado, eliminação física (assassinato) e violência sexual (FALEIROS; FALEIROS, 2007).

Quanto à violência psicológica esses autores a definem como resultado de relações de poder desiguais entre adultos dotados de autoridade sobre crianças e adolescentes deles dependentes, sendo uma forma de violência muito frequente e também a menos identificada, resultado do alto grau de tolerância da nossa sociedade frente a esse tipo de abuso. Não deixa traços imediatamente visíveis no corpo, mas destrói a auto-imagem do violentado, se manifestando no comportamento da criança ou do adolescente, provocando traumas psicológicos que afetam o psiquismo, as atitudes e as emoções, na incapacidade em interagir socialmente, podendo tornar-se passiva ou agressiva (FALEIROS; FALEIROS, 2007).

Já a violência sexual é entendida como violação de direitos humanos universais e dos direitos peculiares à pessoa em desenvolvimento: direito à integridade física e psicológica, ao respeito, à dignidade, ao processo de desenvolvimento físico, psicológico, moral e sexual sadio e à proteção integral. Pode acontecer de várias formas: através do contato físico, por meio de carícias não desejadas, penetração oral, anal ou vaginal, com o pênis ou objetos, masturbação forçada, dentre outros; e sem contato físico, por exposição obrigatória a material pornográfico, exibicionismo, uso de linguagem erotizada em situação inadequada (FALEIROS; FALEIROS, 2007).

Dentre as formas de violência sexual, aparece o abuso sexual contra crianças e adolescentes visto como fruto de um relacionamento interpessoal sexualizado, privado, de dominação perversa, geralmente mantido em silêncio e segredo; e distingue-se profundamente, seja pelo autor da violência sexual, seu grau de parentesco com a vítima, autoridade e responsabilidade em relação ao vitimizado, idade e sexo da vítima e do abusador, tipo de violência cometida, duração, frequência e o local em que ocorrem.

Leal e Leal (2002 *apud* FALEIROS; FALEIROS, 2007, p. 41) definem a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes como decorrente de relações de mercantilização organizadas em rede locais e globais que envolvem exploradores sexuais (mercadores), pais ou responsáveis e consumidores de serviços sexuais pagos. Esses autores alertam ainda que a violência física, psicológica e/ou sexual ocorre em ambientes diversos, dentro e fora dos lares, em instituições de saúde, escolas, abrigos e constitui-se pela negligência, negação e falta de compromisso com as responsabilidades familiares, comunitárias, sociais e governamentais.

Desse modo, percebe que crianças e adolescentes que vivenciam circunstâncias e dores causadas pela violência são duplamente subjetivados: enquanto sujeitos de direitos

(violados) e sujeitos vítimas de violência. Enunciados de discursos da violência que nomeiam crianças e adolescentes como sujeitos assujeitados, à medida que os tornam seres passivos e dependentes dos adultos, pois seus corpos e mentes devem ser capturados, vigiados e disciplinados com vistas à adaptação ao padrão societário, econômico e cultural, seja como objeto de consumo sexual, seja como ser cuja idade é inadequada para as experiências sexuais.

Governos dos corpos e mentes e das populações que colocam em ação as chamadas “redes de proteção” constituídas por órgãos administrativos e instituições sociais públicas e privadas criadas nas sociedades ocidentais (desde o liberalismo) para reprodução da ordem social, econômica e cultural capitalista em nome de “coibir a violação de direitos e tratar os sujeitos vítimas das violências”, por meio de serviços jurídicos, educacionais, sanitários e assistenciais. Toda uma “rede de proteção” que movimentava diversos profissionais.

Como dizem os autores aqui citados: “[...] é uma tarefa que somente poderá ser cumprida pela mobilização de uma rede de proteção integral” (FALEIROS; FALEIROS, 2007, p. 07), querendo alertar para a urgência de um movimento ativo de toda a rede de pessoas e instituições que, de uma forma ou de outra, possuem contato com crianças e adolescentes que sofrem agressões, maus-tratos, abusos sexuais, abandonos e todo o tipo de violência que não se deve manter silenciosa e silenciada.

É no bojo dessa rede que se encontra o CREAS, caracterizado como órgão da política pública municipal e regional de enfrentamento aos diversos tipos de violências (físicas, psíquicas, sexuais), vinculado à rede de proteção integral das políticas sociais de atendimento às necessidades de crianças e adolescentes, composto também pelos Conselhos de Direitos (nacional, estaduais e municipais) e Conselhos Tutelares.

Logo, profissionais da saúde e da educação estão, direta ou indiretamente, implicados nestas políticas, lembrando que crianças e adolescentes afetados pela violência sexual, abusos e maus-tratos também ocupam os espaços escolares. Mesmo que não se perceba, nos espaços das instituições de saúde, acolhimento e de ensino, sexualidades são produzidas e disciplinadas, corpos desviantes do padrão moral hegemônico são criados, vigiados e punidos.

Exercício de poder disciplinar que é legitimado por padrões culturais e mobiliza agentes da saúde e educadores/as no combate à violência contra crianças e adolescentes:

Assim, compõem-se a rede de proteção aos direitos de crianças e adolescentes via políticas públicas que regulamentam ações para o combate à violência sexual, a exemplo da Campanha alusiva ao dia 18 de maio, Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes, respaldada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente

(ECA), lei promulgada em 1990 que define os direitos e a proteção à infância e juventude, assim como a atuação dos Conselhos Tutelares, órgãos públicos incumbidos de zelar pelos interesses e direitos infanto-juvenis e de encaminhar os casos de abusos, maus-tratos, agressões ao poder judiciário.

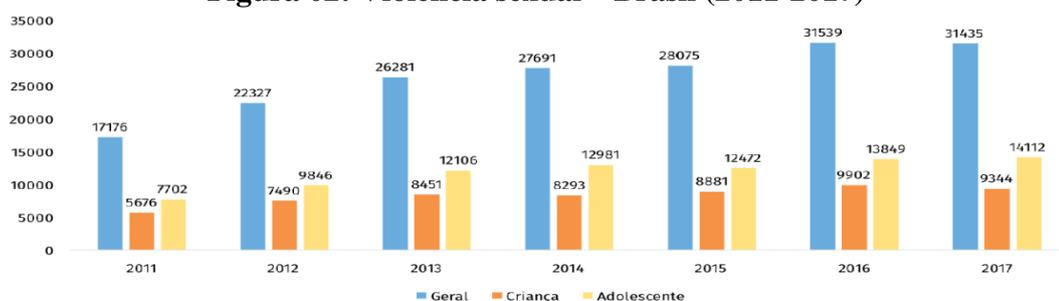
Assim como as políticas públicas implantadas em nível nacional que ampliaram a oferta da educação escolar a cargo dos poderes municipais e estaduais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de 1996, que instituiu a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica e a consequente expansão da obrigatoriedade da oferta a partir dos quatro anos de idade, bem como demais ações tomadas para garantir o acesso e a permanência de crianças e jovens na escola compõem essa rede de proteção e garantia de direitos das crianças e adolescentes.

Rede que é alimentada pelos documentos estatais de mapeamento dos contingentes populacionais vítimas de violências como o Boletim de Análise Epidemiológica da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes no Brasil, feito pelo Ministério da Saúde e que anuncia dados do período de 2011 a 2017 produzidos pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN).

Com base nos dados apresentados, nesse documento, o Ministério da Saúde assume a tutela de proteção dos direitos de crianças e adolescentes, afirmando que “é preciso garantir a toda criança e adolescente o direito ao desenvolvimento de sua sexualidade de forma segura e protegida, livre de violências e exploração sexual” (BRASIL, 2018).

Os dados apresentados pelo SINAN apontam o contingente alarmante de casos notificados: 1.460.326 casos de violência interpessoal ou auto provocada, sendo 15% dessas notificações, ou seja, 219.717, contra crianças e 372.014 (25,5%) contra adolescentes, totalizando o percentual de 40,5% de todos os registros de violência sexual do país.

**Figura 02: Violência sexual – Brasil (2011-2017)**



Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) (2018).

O contingente de crianças e adolescentes violentadas é categorizado pelas variáveis: idade (crianças de 1 ano, de 1 a 5 anos, e de 6 a 9 anos; adolescentes de 10 a 14 anos e 15 a 19 anos), raça/cor da pele (categorias: branca e negra), pessoas com deficiência/transtorno e região de residência. Também são apresentados dados quanto à repetição dos casos envolvendo as mesmas pessoas, local de ocorrência, tipo de violência sexual, número de envolvidos, características do provável autor e vínculos entre os sujeitos dos casos notificados.

**Figura 03: Características sociodemográficas de crianças afetadas pela violência sexual – Brasil (2011-2017)**

Características	Criança (n=58.037) <sup>a</sup>					
	Total		Feminino (n=43.034)		Masculino (n=14.996)	
	n	%	n	%	n	%
<b>Faixa etária (em anos)</b>						
<1	2.653	4,6	2.238	5,2	415	2,8
1 a 5	29.686	51,2	22.354	51,9	7.332	48,9
6 a 9	25.691	44,3	18.442	42,9	7.249	48,3
<b>Raça/cor da pele</b>						
Branca	22.611	39,0	16.577	38,5	6.034	40,2
Negra	26.407	45,5	19.782	46,0	6.625	44,2
Amarela	280	0,5	209	0,5	71	0,5
Indígena	586	1,0	509	1,2	77	0,5
Ignorada	8.146	14,0	5.957	13,8	2.189	14,6
<b>Deficiência/transtorno</b>						
Sim	1.910	3,3	1.199	2,8	711	4,7
Não	47.828	82,4	35.818	83,2	12.010	80,1
Não se aplica	185	0,3	140	0,3	45	0,3
Ignorado	8.107	14,0	5.877	13,7	2.230	14,9
<b>Região de residência</b>						
Norte	9.106	15,7	7.200	16,7	1.906	12,7
Nordeste	7.270	12,5	5.695	13,2	1.575	10,5
Sudeste	23.417	40,4	17.156	39,9	6.261	41,8
Sul	12.597	21,7	8.913	20,7	3.684	24,6
Centro-Oeste	5.635	9,7	4.067	9,5	1.568	10,5
Ignorada	5	-	3	-	2	-

Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) (2018).

Segundo os dados mostrados, 43.034 (74,2%) crianças nomeadas como “vítimas da violência sexual” eram do sexo feminino e 14.996 (25,8%) eram do sexo masculino. Do total, 51,2% estavam na faixa etária entre 1 e 5 anos; 45,5% eram da raça/cor da pele negra; e 3,3% possuíam alguma deficiência ou transtorno. As notificações se concentraram nas regiões Sudeste (40,4%), Sul (21,7%) e Norte (15,7%).

Outro dado preocupante apresentado pelo SINAN refere-se a repetição das notificações de violência sexual contra meninas (33,8%). A residência (71,2%) e a escola (3,7%) foram os principais locais de ocorrência, sendo que 61,0% dos eventos foram notificados como estupro.

**Figura 04: Características sociodemográficas de crianças afetadas pela violência sexual – Brasil (2011-2017)**

Características	Criança (n=58.037) <sup>a</sup>					
	Total		Feminino (n=43.034)		Masculino (n=14.996)	
	n	%	n	%	n	%
<b>Ocorreu outras vezes</b>						
Sim	19.542	33,7	14.562	33,8	4.980	33,2
Não	17.881	30,8	13.111	30,5	4.770	31,8
Ignorado	20.607	35,5	15.361	35,7	5.246	35,0
<b>Local de ocorrência</b>						
Residência	40.154	69,2	30.649	71,2	9.505	63,4
Habitação coletiva	475	0,8	303	0,7	172	1,1
Escola	2.656	4,6	1.588	3,7	1.068	7,1
Local de prática esportiva	185	0,3	89	0,2	96	0,6
Bar ou similar	141	0,2	92	0,2	49	0,3
Via pública	1.809	3,1	1.159	2,7	650	4,3
Comércio/serviços	234	0,4	178	0,4	56	0,4
Indústrias/construção	113	0,2	63	0,1	50	0,3
Outros	4.839	8,3	3.311	7,7	1.528	10,2
Ignorado	7.424	12,8	5.602	13,0	1.822	12,1
<b>Tipo de violência sexual<sup>b</sup></b>						
Assédio sexual	15.693	24,9	11.973	25,8	3.720	22,6
Estupro	39.000	62,0	28.380	61,0	10.620	64,6
Pornografia infantil	2.048	3,3	1.461	3,1	587	3,6
Exploração sexual	1.836	2,9	1.362	2,9	474	2,9
Outros	4.352	6,9	3.321	7,1	1.031	6,3

Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) (2018).

Quanto aos dados apresentados pelo Ministério da Saúde sobre o contingente de adolescentes violentados sexualmente, 76.716 (92,4%) era do sexo feminino e 6.344 (7,6%) do sexo masculino. Do total, 67,8% estava na faixa etária entre 10 e 14 anos; 55,5% da raça/cor negra; 7,1% possuía alguma deficiência ou transtorno, tais notificações também se concentraram nas regiões Sudeste (32,1%), Norte (21,9%) e Sul (18,8%).

**Figura 05: Características sócio demográficas de adolescentes vítimas de violência sexual Brasil (2011-2017)**

Características	Adolescente (n=83.068) <sup>a</sup>					
	Total		Feminino (n=76.716)		Masculino (n=6.344)	
	n	%	n	%	n	%
<b>Idade</b>						
10 a 14	56.320	67,8	51.506	67,1	4.814	75,9
15 a 19	26.740	32,2	25.210	32,9	1.530	24,1
<b>Raça/cor</b>						
Branca	27.014	32,5	24.741	32,3	2.273	35,8
Negra	46.128	55,5	42.961	56,0	3.167	49,9
Amarela	609	0,7	580	0,8	29	0,5
Indígena	928	1,1	899	1,2	29	0,5
Ignorada	8.381	10,1	7.535	9,8	846	13,3
<b>Deficiência/transtorno</b>						
Sim	5.900	7,1	4.820	6,3	1.080	17,0
Não	67.824	81,7	63.460	82,7	4.364	68,8
Não se aplica	24	0,0	20	0,0	4	0,1
Ignorado	9.312	11,2	8.416	11,0	896	14,1
<b>Região de residência</b>						
Norte	18.185	21,9	17.319	22,6	866	13,7
Nordeste	14.716	17,7	13.829	18,0	887	14,0
Sudeste	26.682	32,1	24.081	31,4	2.601	41,0
Sul	15.583	18,8	14.093	18,4	1.490	23,5
Centro-Oeste	7.864	9,5	7.364	9,6	500	7,9
Ignorada	30	-	30	-	-	-

Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) (2018).

Os dados do SINAN indicam que, na maioria dos casos, os autores das violências são do sexo masculino e possuem vínculos familiares ou de amizade com os/as jovens violentados/as.

**Figura 06: Características do provável autor da violência sexual contra adolescentes - Brasil (2011-2017)**

Características	Adolescente (n=83.068) <sup>a</sup>					
	Total		Feminino (n=76.716)		Masculino (n= 6.344)	
	n	%	n	%	n	%
<b>Número de envolvidos</b>						
Um	65.533	78,9	61.131	79,7	4.402	69,4
Dois ou mais	12.800	15,4	11.435	14,9	1.365	21,5
Ignorado	4.727	5,7	4.150	5,4	577	9,1
<b>Sexo do autor</b>						
Masculino	76.742	92,4	71.224	92,8	5.518	87,0
Feminino	1.227	1,5	1.021	1,3	206	3,2
Ambos os sexos	1.961	2,4	1.773	2,3	188	3,0
Ignorado	3.130	3,8	2.698	3,5	432	6,8
<b>Vínculo do autor com a vítima<sup>b</sup></b>						
Familiares	17.932	21,3	16.723	21,5	1.209	19,1
Parceiros íntimos	14.389	17,1	14.299	18,4	90	1,4
Amigos/conhecidos	23.049	27,4	20.456	26,3	2.593	41,0
Desconhecidos	18.346	21,8	17.174	22,1	1.172	18,5
Outros	10.372	12,3	9.117	11,7	1.255	19,9

Fonte: Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) (2018).

No Boletim também são informados dados quantitativos sobre os serviços de atenção às pessoas em situação de violência sexual: em abril de 2018, havia 772 serviços cadastrados no país, sendo que 253 (32,8%) cadastrados na região Centro-Oeste; 192 (24,9%) na região Sudeste; 123 (15,9%) na região Sul; 112 (14,5%) na região Nordeste e 92 (11,9%) na região Norte. Pode-se considerar que esse número de instituições que atendem as pessoas afetadas pela violência sexual ainda é insuficiente frente ao grande contingente de casos registrados.

Com base nesses índices e percentuais, o Ministério da Saúde criou a Linha de Cuidado para a Atenção Integral à Saúde de Crianças, Adolescentes e suas Famílias em Situação de Violência, identificada tal política como “estratégia de indução das práticas humanizadas e de qualificação de serviços para o alcance da atenção integral à saúde nos três níveis de atenção – básica, média e alta complexidade – e nas dimensões do cuidado, acolhimento, atendimento, notificação e seguimento em rede” (BRASIL, 2018).

Percebo que as desigualdades de gênero e étnico-raciais aparecem nos dados do Ministério da Saúde, pois as meninas negras compõem o maior contingente de casos registrados. Meninas negras e familiares que não dispõem de condições de vida digna estão mais sujeitos à violência, haja vista que, em nosso país, as desigualdades de gênero e étnico-raciais reproduzem e agravam as desigualdades sociais em termos de renda. Logo, as contingências sociais, econômicas e culturais de profundas desigualdades reforçam todas as formas de violência.

A violência sexual praticada contra crianças e adolescentes é um crime brutal que exige do Estado mais do que registro e controle dos casos. Políticas públicas de acesso e permanência na educação formal, saúde, habitação, trabalho e renda digna são fundamentais para o enfrentamento das desigualdades e das violências.

Também, cabe aos/às profissionais que atuam nas escolas e demais instituições públicas de atendimento às crianças e adolescentes questionarem-se acerca das políticas e práticas ditas protetivas. Estamos atentos às diferentes contingências existenciais das infâncias e adolescências? Estamos dispostos a rever concepções e práticas e abrir novas linhas de atuação no enfrentamento às violências?

Não basta registrar, informar, denunciar e punir os crimes de violência sexual que atingem crianças, adolescentes e mulheres de modo brutal. Há que se colocar em questão o caráter dessas políticas ditas protetivas, para que elas servem de fato?

O atual cenário leva-me a entender que as políticas ditas de proteção funcionam como dispositivos de controle e regulação no bojo da ordem biopolítica que governa populações atingidas pelas distintas formas de violência.

Foucault (2008) explica que ao poder disciplinar conjuga-se hoje o biopoder, ou seja, ao governo dos corpos individuais que se pretendem dóceis e disciplinados se associa novos dispositivos de governo de vida das populações. Nesse sentido, cabe aos órgãos administrativos, às instituições e ao estado estabelecer práticas governamentais de regulação e controle da vida e morte das populações de modo que os índices de natalidade, longevidade, mortalidade, enfermidades, crimes, entre outros fenômenos que ameaçam o equilíbrio social e o andamento das relações econômicas sejam observados, manipulados, expostos para que os próprios indivíduos assumam os riscos de suas ações.

A ordem biopolítica carrega em si a concepção de infância e adolescência forjada na modernidade, uma vez que tratam de universalizar os diferentes contextos existenciais numa lógica de tempos marcados por faixas etárias determinadas; infância e adolescência são concebidas como tempos naturalizados de impossibilidade, imaturidade, fragilidade, pureza,

tempos de vida em que se daria o desenvolvimento da sexualidade considerada normal, haja vista que os discursos das políticas ditas protetivas, ao identificar “vítimas” e “autores”, negligencia os modos como as próprias crianças e adolescentes enfrentam e subvertem as violências.

Logo, os estudos e debates sobre as violências contra crianças, adolescentes e mulheres precisam desestabilizar práticas discursivas e relações de poder e saber que naturalizam condutas e categorias sociais, geracionais, de gênero e étnico-raciais cristalizadas na modernidade que instituiu o homem como verdade universal e as instituições que ratificam tal regime. As pesquisas que provêm das instituições de educação superior e circulam nos meios acadêmicos corroboram para a proliferação de outros regimes discursivos e a intensificação deste debate no plano macropolítico social.

## **2.1 Discursos acadêmicos: o que dizem as pesquisas sobre violência sexual?**

Inúmeros debates e discussões vêm sendo realizados no meio acadêmico com o intuito de analisar as formas de violência contra crianças, adolescentes e mulheres. Procurei mapear estudos recentes desta temática recorrendo aos Portais dos Repositórios de Instituições de Educação Superior públicas do Estado do Rio Grande do Sul, pois me interessa saber que discursos circulam nos meios acadêmicos desta região onde se localiza a universidade a qual pertencço e desenvolvo minha pesquisa. Foram elas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Mas também, busquei confrontar a produção discursiva regional com as demais produções nacionais, acessando textos sobre a temática disponíveis na Plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Percebi que na minha região os estudos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes ainda são bastante escassos em relação ao restante do país<sup>5</sup>.

Um dos estudos selecionados no Banco de Teses e Dissertações do Portal CAPES foi o texto escrito por Spaziani (2017), no qual a autora analisou dissertações e teses brasileiras sobre violência sexual contra crianças, publicadas entre os anos 1987-2015. A autora diz ter localizado 415 pesquisas (337 dissertações e 78 teses) sobre a violência sexual contra crianças, havendo 31 estudos da área da Educação.

---

<sup>5</sup>Portal da CAPES (05 textos encontrados, 03 selecionados); Repositórios das Universidades Federais (29 textos encontrados, 02 selecionados).

Segundo Spaziani (2017), o conceito de gênero se inseriu parcialmente nas produções científicas sobre violência sexual contra crianças. Porém, essa autora analisou o fenômeno por meio da categoria idade, não utilizando gênero na análise. Seu estudo aponta a importância de ampliar a produção de pesquisas sobre a violência sexual contra crianças, solidificando-se assim, como um campo de conhecimento sobre esse assunto, com ênfase à tese de que o enfrentamento à violência atravessa a área da Educação.

Compartilho do mesmo entendimento trazido pela autora, pois, ao fazer o estado de artes das produções acadêmicas, percebi que a temática da violência sexual ainda é tratada com maior ênfase no campo jurídico, social e da saúde, denotando a carência desses estudos e discussões no campo educacional, o que reforça a relevância desta escrita.

É no campo de análise dos discursos jurídicos que Sanfelice (2011) desenvolveu uma pesquisa nos autos dos processos de seis autores de abuso sexual em Santa Maria (RS), a fim de obter informações sobre as denúncias e sobre os depoimentos desses homens e de suas (ex)companheiras. A autora identificou como as relações de gênero se constroem e se reproduzem nos (e pelos) autores de abuso sexual e analisou como estes compreendem e se posicionam frente à violência de gênero. Segundo ela, a proposta da sua pesquisa estava relacionada à necessidade de lançar um olhar a partir de outra perspectiva, ou seja, a partir das relações de gênero de homens autores de abuso sexual contra crianças para refletir além da responsabilização, mas questionar como se constroem as relações de gênero de homens autores de violência sexual.

Os resultados indicaram que, a maioria dos casos, foi de abuso sexual intrafamiliar cometido por homens, brancos e adultos contra meninas com idades entre seis e onze anos. Segundo a autora, os sujeitos pesquisados são vitimizados pela ordem patriarcal de gênero, pois, ao mesmo tempo em que foram educados para serem “machos”, são responsabilizados social e judicialmente por excederem a “norma”. Deste modo, desenvolveram seus comportamentos baseados nos padrões familiares (SANFELICE, 2011).

A autora leva-nos a refletir sobre o quanto a produção dos corpos de crianças, adolescentes, de diferentes gêneros e sexualidades, seus usos e prazeres, são agenciados pela cultura machista e patriarcal que reforça o poder masculino nas relações sexuais, a ponto de justificar os casos de violência investidos contra crianças e adolescentes.

No Brasil, a história da família baseia-se no patriarcado, concepção originada do próprio nome *pater* (pai); o que tem o poder, trazendo em suas raízes a dominação masculina sobre as mulheres, na qual o pai que tinha o poder sobre a família; o marido que passava a ter

a posse da mulher. Assim, o patriarcado é exercido e perpetuado através de vários sistemas sociais como a família, a religião, o ambiente escolar e do trabalho, entre outros.

Segundo Albuquerque Jr. (2001 *apud* LIRA E BARROS, 2015, p. 292), “alimentar a ideia do homem do sertão como “cabra-macho” contribui para naturalizar a relação entre homens e mulheres baseada num modelo de masculinidade que vigora desde o Brasil Colônia: um homem corajoso, viril e valente”. O sertão nordestino, em razão de sua singularidade sociocultural, tem uma forma particular de significar o gênero mulher. O senso comum cristalizou a ideia da masculinização da mulher como algo corriqueiro do sertão nordestino, colocando-as num lugar fixo e determinado. A mulher foi sendo construída em relação a esta identidade masculina e, igualmente em decorrência das condições de sua região, passou a ser masculinizada, estabelecendo-se que a mulher tinha que ser macho para sobreviver aos obstáculos. De acordo com Albuquerque Jr. (2001, p. 247), “era uma exigência da natureza hostil e da sociedade marcada pela necessidade de coragem e destemor constante”.

Observa o autor que, a partir do século XXI, algumas mudanças aconteceram com o aumento do acesso à educação e à saúde pública o que possibilitou que as mulheres alterassem seus papéis sociais, não se vendo mais apenas no papel de esposa e de mãe, ocupando outros lugares no mercado de trabalho e no acesso à educação formal. No entanto, mesmo que as mulheres tenham conquistado avanços significativos, a submissão feminina ao poder masculino é um traço cultural arraigado em nossa sociedade ocidental.

Lira e Barros (2015) referem-se à violência como um problema multifacetado, sem uma causa isolada que possa explicá-lo, e que intervém nas relações pessoais e sociais, podendo ser expressa através da opressão, do abuso da força, do preconceito, agressão física ou verbal, entre outras formas.

De acordo com Spaziani e Maia (2017), a maior parte dos casos de violência sexual contra crianças ocorre de modo intrafamiliar<sup>6</sup>, tendo como perpetradores as pessoas da família fazendo com que as relações familiares de afeto, dependência, complacência e medo dificultem a revelação da violência, silenciando as crianças de diversas maneiras.

Também, segundo Campos (2015), a violência intrafamiliar constitui-se devido à organização social patriarcal que é sistemática e atravessa o conjunto da sociedade, cujo contexto sócio-histórico e cultural se sustenta com base no modelo heteronormativo e nuclear, atravessada pela lógica de concentração de poder e dominação dos homens e exploração das

---

<sup>6</sup> O termo “família”, do latim *famulus*, significa “escravo doméstico”, se consolidando em torno da figura do homem detentor de propriedade e autoridade sobre as mulheres, os filhos, os escravos e os vassalos (NARVAZ; KOELLER, 2006).

mulheres. O sexo com as meninas é encarado como extensão dos direitos de pai, bem como o papel das filhas como extensão dos “deveres” da esposa (MACHADO, 2001).

Os homens são legitimados a se sentirem no direito de tratar e se relacionar de modo violento com as esposas e as suas filhas, na medida em que elas seriam percebidas como suas propriedades. É dado ao “chefe” da família o direito de se relacionar sexualmente quando quiser e lhe convier, independente da relação de parentesco e afetividade com a vítima, evocando a ideia de privacidade e propriedade (SPAZIANI; MAIA, 2017).

De acordo com Silveira e Schwartz (2017), a violência, generalizada para todos, mas em particular de acordo com o sexo, ilustra que aos filhos e filhas cabem às condutas impostas pelo pai para cada gênero e, mesmo sob protesto, aceitas pela mãe. A dominação simbólica se reproduz sobre todos, de seus modos específicos. Logo, o abuso sexual é uma mensagem transmitida por homens abusivos às mulheres, desde cedo, que lhes atribui um lugar de subordinação e sujeição em relação ao homem, contribuindo para inibir sua revelação e enfrentamento na temporalidade presente e futura.

Essas formas de violência de gênero, segundo esses autores, se manifestam por meio da educação formal e informal, da mídia, das instituições sociais (partidos políticos, igrejas, escolas, famílias), em todas as instâncias onde as relações sociais se reproduzem. A realidade da violência sexual contra meninas está na invisibilidade e no pacto de silêncio que se percebe entre todos os familiares envolvidos que selam o segredo, bem como entre os vizinhos, a escola, a Igreja, o serviço de saúde, o Conselho Tutelar, que assegura a estrutura familiar, sacrifica a mulher e isenta seu patriarca.

Conforme Schreiner (2008), as meninas parecem frequentemente saber muito bem os motivos da mãe na opção pelo silêncio, que na maioria das vezes só é rompido após longo período. A narrativa da dinâmica dessas famílias se pauta pelas dimensões de dominação (gênero masculino) e subordinação (gênero feminino); os homens detentores do poder não sofrem qualquer resistência aparente no exercício da violência que mantém a subordinação da mulher, a qual é aceita por todos.

Embora os dados oficiais indiquem as meninas como maior contingente populacional da violência sexual, o estudo de Souza (2017) feito junto ao Sistema Integrado de Gestão Operacional (SIGO) do município de Corumbá (MS), no período de 2006 a 2015, mostra que dos 2.289 crimes contra crianças, 48 foram meninos menores de doze anos. O objetivo do autor foi analisar o tema na linha dos estudos de gênero e dos pressupostos foucaultianos. Os dados encontrados realçam a necessidade de abordar as questões de gênero, sobretudo na área

da Educação, a fim de contribuir para a compreensão e o enfrentamento das violências sexuais contra os meninos.

Para serem aceitos nos grupos, meninos aprendem a combater semelhanças com o universo feminino e entendem que a agressividade é atitude inerente ao masculino. A exclusão e a ridicularização de colegas que não atendem a masculinidade hegemônica é uma das reverberações deste processo normatizador. Agressividade e atitudes violentas são artifícios utilizados na defesa da heterossexualidade e, conseqüentemente, da afirmação de masculinidades.

Outro estudo feito em ambientes escolares envolvendo adolescentes refere-se à investigação empreendida por Heine (2017) sobre os fatores de risco associados à perpetração de violência nas relações amorosas caracterizadas como “ficar” e namorar. A autora explorou variáveis como: a exposição à violência no contexto familiar, testemunhar violência conjugal dos pais e ter sido vítima de maus-tratos na infância, a influência do grupo de pares e variáveis individuais; como ser do sexo feminino e fazer uso de álcool, utilizando de métodos estatísticos e mensurações de resultados alcançados em questionários respondidos por 533 adolescentes de quatorze a dezenove anos, estudantes de escolas públicas e privadas da Região Metropolitana de Porto Alegre (RS). Foram utilizados instrumentos como questionário de dados sociodemográficos e relações afetivo-sexuais na adolescência, Escala de Exposição à Violência Intrafamiliar na Infância (EEVII) e Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI).

A autora aponta para a importância de serem problematizadas as relações parentais envolvendo a violência no contexto familiar, posto que vivemos tempos obscuros fortemente marcados por posturas conservadoras que entendem a educação sexual como algo restrito aos contextos familiares, negando a fragilidade das relações ocorridas principalmente nesses ambientes privados.

Nunes (2016) ressalta que, dentro e fora da escola, meninos aprendem um código social que valoriza os padrões de masculinidades desejáveis e muitas vezes associado à virilidade, heterossexualidade e repúdio a características ditas femininas. Masculinidades são educadas para terem seus desejos sempre atendidos, no que diz respeito à sexualidade, pois os homens são representados como possuidores de impulsos agressivos e animais (FELIPE, 2006; MINAYO, 2005; XAVIER FILHA, 2012).

As expressões da sexualidade dos homens são construídas a se deixar levar pelos “impulsos sexuais”, tidos como incontroláveis. A sexualidade feminina é representada sob a forma da passividade, o que contribui para a cultura do estupro, na qual homens são ensinados

a insistir em seus investimentos sexuais contra mulheres/meninas, assim como essas são educadas para realizar um ritual de sedução, esquivando-se para se oferecer (SPAZIANI; MAIA, 2017).

A vitimização sexual das meninas, segundo Felipe e Guizzo (2003), é reflexo de uma cultura em que as meninas são exploradas e transformadas em objeto de desejo e consumo, bem como tratadas como propriedades. À maneira como os “artefatos culturais”, como músicas, publicidades, programas televisivos, etc., representam as meninas acabam por transformá-las em objetos de beleza a serem atingidos, bem como de corpos desejáveis. Imagens e discursos que fazem parte da formação de meninos e meninas, desde pequenos, e que, muitas vezes, aprendem a se identificar com os modelos propagados, buscando reproduzi-los. É ensinado que para serem desejadas, amadas e valorizadas, meninas precisam se comportar de maneira amável e sedutora, “ser mulher está relacionado ao paradoxo da sedução e inocência” (FELIPE, 2006; FELIPE; GUIZZO, 2003).

Assim, ao mesmo tempo em que se criam leis para a proteção da infância contra a violência, o abuso e a exploração sexual, legitimam-se, por meio da mídia televisiva, impressa e internet, que os corpos infantis sejam veiculados de maneira sedutora e desejável, fazendo com que crianças atuem de maneira sensualizada (CÂMARA, 2007; FELIPE, 2006; FELIPE; GUIZZO, 2003).

Entendo que seja necessário realizar um contraponto com o que os autores até aqui citados apresentam, pois é importante compreender que formas de violência sexual são produzidas na vida social e cultural e acontecem no entrelaçamento entre diferenças de gênero e de geração marcadas pela naturalização de desigualdades e de ações misóginas e sexistas. A naturalização de determinadas narrativas são práticas inseridas em relação de poder que estão em constante negociação, e, nessa teia das relações de poder e saber, também proliferam discursos conservadores contra aqueles que não se enquadram na sexualidade normalizada.

Logo, discursos e relações machistas, heteronormativas e patriarcais agem como construção discursiva e não-discursiva cultural e social que captura e governa as subjetividades constituídas em “unidades” de gênero polarizadas, binarismos masculino/feminino, homem/mulher, pai/mãe, filhas/filhos, dentre outros pares antagônicos.

Porém, cabe ver o que diz Butler (2018, p. 69) acerca de gêneros e sexualidades como produções discursivas contínuas, termos abertos a intervenções e ressignificações. Sendo que, a insistência em reproduzir ou repetir esses termos binários e em oposição acaba por reforçar a dominação patriarcal e heteronormativa. A repetição discursiva naturaliza divisões binárias e opostas e confere veracidade aos regimes discursivos que separam gêneros em categorias

fechadas e em relações hierarquizadas. Assim, a reiteração de discursos heteronormativos e patriarcais, ao mesmo tempo que geram a ideia de controle, também apontam para a necessidade de proteção dos indivíduos em situação de submissão.

Segundo Garcia (2012, p. 147), “é importante continuar refletindo sobre quais normalidades de gênero e sexo são dominantes em determinados contextos e os modos como negociamos com elas, movimentando-nos entre as margens de resistência e conformidade”.

Assim, mulheres, crianças e adolescentes nem sempre vivem passivamente a situação de dominação masculina. Diante do grupo e de determinadas situações e ambientes, aprendem como interagir e negociar suas atitudes para se integrarem e participarem de um projeto de convivência, no qual suas percepções, maneiras de ser, agir e pensar estão em constante transformação.

Com base nos estudos pós-estruturalistas, pode-se destacar que culturas infanto-juvenis e femininas se constituem ao longo da história e de diferentes modos em cada tempo e lugar. Infâncias de crianças pobres, por exemplo, desde os tempos mais remotos difere das infâncias das crianças cujas famílias detêm maior poder aquisitivo. A necessidade de proteção das crianças pobres tem a ver com a institucionalização destas em abrigos, orfanatos, asilos, manicômios, cadeias etc., pois, admitiu-se a ideia de que crianças pobres, abandonadas que perambulavam pelas cidades, tendiam à delinquência, enquanto que crianças ricas estariam já protegidas pelas famílias, nas escolas, sem a necessidade de atenção “especial” (CERVO; SILVA, 2014).

Na segunda metade do século XIX, os abrigos, colégios, jardins de infância e creches, foram criados, para darem orientação às crianças “anormais”, que dividiam o espaço do manicômio com os adultos, em razão da não responsabilidade do Estado para com o cuidado infantil, e para com a imbecilidade e a idiotice que não eram consideradas doenças, mas desvio relacionados a uma norma. A medicina Higienista não só não teve interesse na infância, como não dirigiu práticas especializadas a essas crianças, sendo que o higienismo somente começou sua aproximação da infância e das famílias pobres como intuito de prevenir futuros fardos para a sociedade (CERVO; SILVA, 2014).

Desse modo, nomeiam-se infâncias e adolescências como parte de um contingente populacional que vive à margem da ordem social estabelecida e naturalizada por terem vivenciado de modo antecipado e brutal relações sexuais abusivas, coloca-se em jogo práticas de governo de diferentes infâncias e adolescências negadas, negligenciadas, sob a lógica universalizante do mesmo.

A infância universalizada nas práticas socioculturais que lhe deram um estatuto de inocência e fragilidade não seria, então, a meu ver, nada mais que uma narrativa, uma ficção por onde a racionalidade ocidental moderna construiu, através de marcos etários rígidos e universais, o acesso à “idade da razão”, ou ainda, à plena cidadania, dentro de uma sociedade que se quis igualitária e livre. Esta infância por certo hoje morre, e acrescentaria, deve morrer, na medida em que, enquanto narrativa que orienta a ação no mundo dos vivos, se torna cada vez mais inadequada para explicar a relação entre adulto e criança, no mundo contemporâneo. [...] Morre esta infância apenas para dar lugar a outra ou outras, que, também por nós inventadas, poderão nos guiar na construção das nossas possibilidades individuais e coletivas (CASTRO, 2002, p. 51).

As chamadas políticas de proteção não possibilitam perceber as diferentes formas de ser e viver de crianças e adolescentes, as estratégias que criam para escapar das dores e (re)inventar existências. Crianças e adolescentes que vivenciam abusos sexuais ou outro tipo qualquer de violência sexual seriam impedidos de viver etapas da existência humana consideradas naturais e normais, o que exige ações de proteção e tratamento para que se garanta o transcurso programado rumo à vida adulta e à plena cidadania no plano da sociabilidade ocidental.

Porém, fincar o pé na modernidade e conceber infâncias e adolescências como etapas cronológicas naturais em que as crianças e jovens são entendidas como categorias unitárias e universais não dá conta de perceber os diferentes modos de existência em que seres infantis e juvenis vivenciam suas forças vitais, como se expressam em multiplicidades compostas por potências de atualização contínuas. As infâncias e adolescências assumem as marcas de intensidade de duração, tornando-se potências, existências que irrompem a história como resistência e criação. A esses movimentos e experimentações de diferentes existências Deleuze e Guattari chamam devir. Não há a forma-homem universal, o que há é um movimento de dissolução das formas criadas (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Devir-criança é atividade cartográfica que mescla o “real”, entendido como o atual (o visível das formas e o invisível das sensações) e o “imaginário”, que é a potência do falso que serviria para discernir verdadeiro e falso na realidade, substituindo o verdadeiro pela potência do devir. O imaginário-criança não busca o verdadeiro, experimenta; deixa-se afetar, visto que no brincar, elas não só imitam; se tornam aquilo com que jogam, entram em zonas de vizinhança entre o que são e o que simulam nas brincadeiras (CECCIM; PALOMBINI, 2009).

Mesmo nas contingências de violência sexual, não é dada uma forma única como cada criança e adolescente consegue enfrentar algo tão cruel. Cada ser vivente encontra em si, na composição de sua existência, modos singulares para subverter o sofrimento, criando um campo de contato com suas potências, forças capazes de formar acoplamentos cognitivos, afetivos e sociais, (re)inventando vidas.

Para firmar a perspectiva de análise que assumo, recorro aos estudos de Foucault acerca da sexualidade como dispositivo produzido historicamente pelas culturas ocidentais e que engendram regimes de verdade, modos de subjetivação e governos dos corpos marcados pelas diferenças sociais, econômicas, culturais, sexuais, dentre outras.

### 3 SEXUALIDADE E (RE)INVENÇÃO DE EXISTÊNCIAS

Na perspectiva de mover o pensamento em uma direção dissonante do discurso das macropolíticas apresentadas aqui e de aprofundar a discussão em torno das concepções que fabricam identidades sexuais, de gênero e geracionais, recorro aos estudos de Foucault em torno de práticas discursivas e não-discursivas engendradas de muitas formas em nossa cultura que produzem categorias universalizantes de sujeitos e os modos como são posicionados nas relações cotidianas da vida social.

Foucault (1986, p. 146) nos diz que “[...] o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história”. O discurso jamais se desvincula de jogos de poder, bem como, não se separa das técnicas e efeitos que operam na produção subjetiva. Ou seja, os discursos que circulam socialmente acerca da sexualidade acabam por produzir os próprios sujeitos e as posições que ocupam nas relações familiares, sociais, sexuais.

Os estudos foucaultianos nos provocam a questionar as relações de poder e saber que normalizam posições binárias e heterossexuais como norma das relações sexuais, pois essas naturalizam discursos científicos modernos de campos como a biologia e a medicina que produziram regimes de verdade em torno das sexualidades, patologizando e governando os desvios sexuais.

Tratar dos discursos e das relações de poder nas mínimas práticas cotidianas e institucionais, seguindo o que Foucault nos ensinou em suas pesquisas, é um modo de fazer história, história do nosso presente, lançando um olhar profundamente crítico a todas as formas de sujeição do homem, as quais são visíveis nos diferentes campos institucionais e nas inúmeras técnicas, procedimentos, estratégias, discursos e arquiteturas construídos historicamente (FOUCAULT, 1990a, p. 91 *apud* FISCHER, 2003, p. 385).

Ao analisar a produção histórica dos discursos modernos que instituíram verdades sobre a sexualidade na cultura ocidental, Foucault (1999) aponta para uma reversão da ideia repressiva do sexo, indicando os modos como, a partir do século XII, proliferam discursos que levam os sujeitos a assumirem e confessarem sobre os seus corpos. Práticas que possibilitaram o exercício do poder e saber que hierarquizou relações sexuais binárias e heteronormativas.

O autor dedica-se de modo especial a analisar a produção da sexualidade na infância e na juventude, como tempos de vida que devem ser vigiados intensamente pelas instituições como a família e a escola.

A sexualidade é recodificada como um mal a ser suprimido, reforçando a prescrição de condutas que a medicina estabeleceu como sexualidades periféricas – mulheres, crianças, loucos - a serem interditas num código de verdade morfológico e anatômico:

[...] dupla afirmação, de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo "natural" e "contra a natureza", traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais "liminares", ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação; os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, mais tarde, os psicólogos, todos devem se encarregar continuamente desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo [...] (FOUCAULT, 1985, p. 99).

Práticas de interdição dos corpos em perigo conduz sujeitos infantes e juvenis a uma aliança que vai da família ao estado, passando pela igreja e escola, como dispositivos da rede complexa de naturalização, purificação e neutralidade das sexualidades para estruturá-las como natureza, organismo e sistema de controle da medicina. Diz Foucault:

[...] o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade; pelo qual, este corpo foi integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a "mulher nervosa", constitui a forma mais visível desta histerização (FOUCAULT, 1985, p. 99).

Desde o século XVIII, cabe às instituições de ensino exercerem o poder disciplinar sobre os sexos, definindo espaços hierarquizados e conhecimentos que separam meninos e meninas. A sexualidade das crianças é recodificada pela pedagogia como um mal a ser suprimido, reforçando a prescrição de condutas que a medicina estabeleceu como sexualidades periféricas a serem interditas e os corpos infantis assumem a verdade de uma ciência morfológica e anatômica:

Enquanto a sexualidade da criança fora, no início, problematizada numa relação que se estabelecia diretamente entre o médico e os pais (sob a forma de conselhos, de avisos para vigiá-la, de ameaças para o futuro), finalmente, na relação entre o psiquiatra e a criança a sexualidade dos adultos acabou posta em questão (FOUCAULT, 1985, p. 94).

A Igreja Católica também aparece como instituição que regula as experiências sexuais por meio do sacramento da confissão que produz o governo dos corpos como origem do pecado a serem purificados para a elevação das almas, incitando os sujeitos a dizerem a si

mesmo e seus prazeres, sensações e pensamentos. O sexo também se torna um dispositivo de controle público para governo das populações de modo a controlar doenças e desvios.

Foucault (1977 *apud* MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007, p. 611) mostra o discurso médico como campo de atuação e de produção científica da disciplina médica onde as doenças são fabricadas e tornam-se verdades que estabelecem quem é o doente e o sadio, o normal e o anormal, atuam como regimes de governo dos corpos. Dessa maneira, o discurso médico adquire cientificidade e fundamenta as práticas que organizam a medicina moderna. O corpo torna-se, assim, motivo de controle disciplinar e tecnológico. É no bojo dessa ordem científica moderna que surge o campo da Psicologia Clínica.

### 3.1 O Poder-Saber da Psicologia

Segundo Doron e Parot (1998), “[...] originariamente, a atividade clínica (do grego *klinê* – leito) é a do médico que, à cabeceira do doente, examina as manifestações da doença para fazer um diagnóstico, um prognóstico e prescrever um tratamento” (DORON; PAROT, *apud* MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007, p. 610).

A Lightner Witmer (1867-1956) costuma-se atribuir a criação do campo de atuação denominado Psicologia Clínica, por haver estabelecido a primeira clínica psicológica na *University of Pennsylvania* em 1896 (McREYNOLDS, 1997).

O termo Psicologia Clínica, proposto por Lightner Witmer, desenvolveu-se dentro de um contexto de avaliação psicológica quando, este autor, definiu a clínica como o estudo dos indivíduos por observação ou experiência, com intenção de promover mudanças. Esse psicólogo atendia crianças que se desviavam dos considerados normais por apresentarem baixo rendimento escolar, dessa forma a psicologia do desenvolvimento nasceu como discurso científico que associa o trabalho do psicólogo ao modelo médico, valendo-se de um instrumental teórico e metodológico para identificar o que fugia do padrão de normalidade.

Em seu texto “A Psicologia de 1850 a 1950”, Foucault (2010, p. 469) chama atenção para um curioso movimento realizado pela Psicologia, aqui chamado de “movimento de segunda ordem”, pelo qual realiza um esforço para dominar as contradições que lhes são próprias. De que “contradições” o autor nos fala? Ora, se a Psicologia dos distúrbios, dos conflitos, das patologias e das anormalidades constitui instância de saber-poder para o encaminhamento de uma Psicologia do normal, Foucault dirá que isso se deve a uma tentativa posterior da Psicologia, não coincidente com a sua atitude inicial.

A psicologia, em contrapartida, nasce nesse ponto em que a prática do homem constitui sua própria contradição: a psicologia do desenvolvimento nasceu como uma reflexão sobre as interrupções do desenvolvimento; a psicologia da adaptação, como uma análise dos fenômenos da inadaptação; a da memória, da consciência, do sentimento surgiu, primeiro, como uma psicologia do esquecimento, do inconsciente e das perturbações afetivas. Sem forçar uma exatidão, pode-se dizer que a Psicologia contemporânea é, em sua origem, uma análise do anormal, do patológico, do conflituoso, uma reflexão sobre as contradições do homem consigo mesmo. E se ela se transformou em uma psicologia do normal, do adaptativo, do organizado é de um *segundo modo*, como que por um esforço para dominar estas contradições (FOUCAULT, 2010, p. 469).

Desse modo, a unificação funcional e pragmática da Psicologia tem como correlato o que Canguilhem (1995) entendeu como um “pacto de coexistência pacífica entre as Psicologias”, mediante o qual cada perspectiva psicológica ocupa-se unicamente com o conjunto de questões epistemológicas que gravitam em torno de uma semelhante imagem de homem, de mundo e de conhecimento.

Assim, como Nietzsche define de maneira muito provocadora, a Psicologia como sendo “morfologia e teoria da evolução da vontade de poder”, sendo que “a vontade de poder é a forma de afeto primitiva, todos os outros afetos são apenas configurações suas” (NIETZSCHE *apud* YONEZAWA, 2014, p. 855).

Desse processo histórico de organização e institucionalização da Psicologia, compreendo como é difícil desmistificar práticas discursivas e não discursivas engendradas nas formas de atuação de profissionais desse campo científico em que me situo. Como é difícil aprender de novo, vislumbrar outras perspectivas, e mais difícil ainda é destruir certezas, abandonar o que acreditamos ser a verdade de nossas práticas e, ainda mais, a vontade dessa verdade que nos faz governar nossas ações no mundo desde há muito tempo.

Talvez, possamos entender o que se passa conosco ao retomar o que Foucault (2010) nos diz a respeito da *parresia* na cultura grega; coragem de correr riscos ao tomar a palavra e pronunciar certa verdade sem que essa seja privilégio de um estatuto ou posição de quem está revestido desse poder falar, seja por deter um saber profético, técnico ou retórico. Coragem de dizer a verdade e correr riscos pelo que se diz que também não pode ser fruto do poder pastoral, do dizer a verdade sobre si mesmo pela prática da confissão, herança do Cristianismo, que recai sobre o governo de si e dos outros. Coragem de dizer a verdade que também não pode ser fruto do poder pastoral na cultura moderna que tornou indispensável o dizer a verdade sobre si mesmo ao médico, ao professor, ao psiquiatra, psicólogo ou psicanalista. Mas, como prática antiga que antecede ao próprio Cristianismo e a institucionalização do poder pastoral pela Igreja Romana.

Penso que a perspectiva Pós-Estruturalista e as Filosofias da Diferença abrem possibilidades para uma atitude parresíasta de pensar, dizer e fazer dos/as psicólogos/as e educadores/as de outros modos, onde essas práticas tornem-se linhas de forças moventes num campo de imanências, forças que nos constituem como outros/as e com os outros/as.

Afinal, nossas práticas na Psicologia e na Educação só existem porque existe alguém que as aciona na busca de acolhimento, o que me faz retornar a pedagogia profana de Larossa: “receber o que nasce” (2017). Nascer de outros modos, movendo potências para experimentar a vida como obra de arte, de criação de devires.

### 3.2 Psicologias em devir

Na linha de análise Pós-Estruturalista e das Filosofias da Diferença, sou provocada a transformar meu campo de percepção sobre o fazer psicológico. Através desse movimento, lanço-me no desafio de experimentar outras existências e passo a compreender outras formas de conduzir minhas práticas.

Aliando o pensamento de Foucault a Deleuze e Guattari, concebo a produção de gêneros, sexualidades, infâncias, adolescências como rizomas, ou seja, multiplicidades criadas, fabricadas nos planos macro e micropolíticos de circulação e proliferação de discursos e relações de poder e saber que visam nomear e capturar corpos, linhas de individuação e coletivização que possibilitam o controle e a manutenção da ordem social, econômica e cultural vigente em cada sociedade, como também, potências que rompem a composição destes planos, fazendo com que outros planos de imanência sejam criados, abrindo linhas de forças e fugas que movem desejos outros. Corpos que não se restringem a condição de organismos e experimentam moverem-se em

[...] regimes de relações atuais e virtuais, visíveis e invisíveis, conexões que criam imagens frágeis e abrem o real aos acontecimentos. Essas conexões se dão pelas velocidades e lentidões dessas partículas e também pela capacidade de afetarem e serem afetadas (BOM-TEMPO, 2015, p.22).

Nesse sentido, é fundamental compreender que sexualidades são produções de desejos e prazeres experimentados de diferentes modos, inclusive pelas crianças e jovens.

Desejos que, na concepção de Guattari (*apud* GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 260-261) “[...] não é forçosamente um negócio secreto ou vergonhoso como toda a psicologia e moral dominantes pretendem”. A produção de desejos acontece na vida social não como

princípio de prazer, não se trata de saber o quanto são satisfeitos ou castrados pela repressão ou liberação sexual que as normas e valores estabelecem como verdades. Para Guattari (*apud* GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 261) o desejo refere-se a “[...] todas as formas de vontade de viver, de vontade criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção de mundo, outros sistemas de valores”.

Mesmo que as instituições como as famílias e as escolas “naturalizem” discursos normalizadores e reguladores das diferentes produções sexuais, os corpos escapam. Logo, as experiências sexuais vividas por crianças e jovens, mulheres, homens e outros, sejam prazerosas ou traumáticas, agem sobre a produção de existências e modos de subjetivações. Como diz Guattari (*apud* GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 42):

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes de subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização.

Cada sujeito vivenciará diferentes modos de produção de sexualidades como acontecimentos singulares e autênticos. Trata-se, então, de pensar as sexualidades sob um olhar ético e estético, clínico-poético (BOM-TEMPO, 2015) que potencialize modos de pensar e sentir a produção de forças ativas e reativas.

Forças ativas, que dominam, se afirmam, se exercem, se exercitam e, mais ainda criam; e forças reativas, minguantes, que obedecem, que mantêm, asseguram, lembram. De um lado, forças vigorosas, primaveris, germinais; de outro, forças do cansaço, outonais. As primeiras são criativas, agem, fluem. As segundas conformam-se, garantem um nível de vida orgânico, seguro, apenas o mínimo para uma sobrevivência: são forças de permanência e conservação. Obedecer e dominar são os movimentos determinantes de duas estirpes diferentes de forças (YONEZAWA, 2014, p. 857).

Com base nas teorias de Nietzsche, entendo força como forma de expressão da tensão que ela irá gerar enquanto ocorre, forças recriam o que se apresenta como “realidade”, dando vida ao novo.

Portanto, o que determina a estirpe a qual pertence uma força é o seu modo de exercitar aquilo que pode. O aparente impasse se resolve da seguinte maneira: não se pergunta mais se uma força é ativa ou reativa, se uma vida é absolutamente nobre ou escrava. Se toda força é força em relação, então a determinação de atividade ou reatividade depende do embate estabelecido entre as forças, depende da tensão gerada nos seus encontros. Trata-se, portanto, de um embate plástico, metamórfico e incerto. Uma vida pode, então, ser dita nobre (forte) ou escrava (fraca) na medida em que a tensão resultante do encontro entre as forças nela presentes seja capaz de

criar ou de apenas conservar a vida, de crescer forças ou mantê-las (YONEZAWA, 2014, p. 858).

A expressão de forças acontece por meio de um fenômeno de plasticidade que permitirá a criação de novas conexões, estabelecendo novas formas de pensar e agir. Ocorre aí uma metamorfose, no entanto, ela é incerta, essa incerteza compactua uma vida fraca quando se torna presa zona de contemplação do sofrimento, mas que pode tornar-se força ativa, ao liberar a potência de transpor a dor.

Pensar a Psicologia como força vitalizadora é pensá-la como ativadora de plasticidades, experimentá-la como estimuladora de novas reorganizações psíquicas, mediadoras no processo de construção de novas versões existenciais, performances assertivas de um viver potente.

[...] estamos falando das forças que compõem a vida e de sua capacidade de afetar – de mobilizar mais forças – e, deste modo, criar. Psicologia não mais como ciência do psiquismo antropomórfico, mas como estudo-ação das transformações das forças e das vontades, enquanto sejam vontades de potência ou de poder: analítica diferencial da potência das forças de criar vida ou conservá-la (YONEZAWA, 2014, p. 866)

Trata-se de mover-se das certezas a outras posturas e ações que permitam indagar sobre as relações construídas com os sujeitos que encontram em si mesmo coragem para manifestar suas dores e transgredir aquilo que se perpetua como “natural”, “normal”, ou seja, possibilidades de refazer vidas sofridas e estetizar existências (FOUCAULT, 2010).

De certo modo, os estudos que fiz e as experimentações que vivi durante minha pesquisa do Mestrado, tornaram possível viver a psicologia diferentemente do que havia vivido até então. E dar um novo sentido às experiências em que estive ao lado de pessoas que enfrentaram suas dores, inclusive a morte. Como uma história que vivi em épocas anteriores, numa visita domiciliar a um paciente que tentava suicidar-se.

Era para ser apenas mais uma intervenção, mas para mim, talvez tenha sido uma das experiências mais marcantes na minha vida profissional. Digo uma experiência, porque houve muitas outras. Habitar territórios como este de profundas angústias, demanda atitudes e atuações intensas, inusitadas, singulares.

É esse desejo em agir a favor da vida que me move. Momentos em que os corpos se agitam sem nada verbalizar e, então, é necessário esperar... Esperar que o encontro ofereça possibilidades de confiança, através da honestidade de uma prática pautada na ética de quem recebe o outro como vivente, sem nenhuma norma pré-estabelecida, apenas com a disposição

de entrelaçar existências, observar como os corpos se movimentam e em que tempo eles se permite.

Planejamos e organizamos os encontros que aconteceram, no período de setembro a novembro de 2019, aos sábados à tarde. E movidas pelas percepções e afecções sentidas a cada encontro, íamos repensando as atividades seguintes. Assim, fomos desenhando a cartografia dos encontros vivenciados com os/as participantes do Projeto. O desejo era promover encontros alegres, potentes.

Aguardar que o encontro seja reconhecido como seguro, momento em que o outro permite ser tocado, reconhecendo na relação um espaço adequado para expressar o que se sente, seja vergonha, desconfiança, culpa, raiva. Culpa de quem pensa que deveria reagir, mas não consegue. Raiva do/a agressor/a, raiva das pessoas próximas que pactuaram o silêncio: familiares, amigos, professores, raiva de si mesmos, da vida, do mundo. Emoções, percepções a serem acolhidas e trabalhadas para que a potência de vida se liberte desses aprisionamentos psíquicos ou traumas.

Investir nas forças ativas capazes de transformar vidas foi o que me levou a trabalhar com mulheres e crianças em situações de profunda dor e sofrimentos causados pela violência sexual. E, depois de encerrar os atendimentos no CREAS, senti que poderia (re)encontrá-las para com elas experimentar habitar novos territórios onde potências criadoras de outras existências fossem possíveis.

## 4 A PESQUISA CARTOGRÁFICA

Nos estudos que fiz das teorias de Deleuze e Guattari descobri a pesquisa cartográfica e percebi nela o caminho propício para a construção do percurso investigativo que desejava realizar. Entendi que, por meio da cartografia “como o princípio do rizoma”, poderia desenhar a produção de territórios e experimentações com as mulheres e crianças que fizeram parte da pesquisa, como linhas e forças ativas do desejo de (re)inventar existências. Territórios de experimentações agenciadas por encontros intensivos traçaram o plano das experiências vividas.

Na pesquisa cartográfica, a produção do saber vem do fazer, apoiando-se, tal intervenção, nas ferramentas conceituais com as quais cada pesquisador/a trabalha:

[...] A intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência - o que podemos designar como plano da experiência. A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso de investigação (PASSOS; BARROS *apud* PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 17-18).

Desse modo, não se trata de uma coleta de dados, mas da produção de dados em encontros forjados nas e pelas interações entre os sujeitos, que se traduzem pela escrita inventiva inspirada num pensamento movente.

Para a pesquisa cartográfica são feitos relatos regulares, após as visitas e as atividades que reúnem tanto informações objetivas quanto impressões que emergem no encontro com o campo. Os relatos contêm informações precisas – o dia da atividade, qual foi ela, quem estava presente, quem era responsável, comportando também uma descrição mais ou menos detalhada – e contêm também impressões e informações nítidas, que vêm a ser precisadas e explicitadas posteriormente. Esses relatos não se baseiam em opiniões, interpretações ou análises objetivas, mas buscam, sobretudo, captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos (BARROS; KASTRUP *apud* PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 70).

Busquei inspiração nas teorias, para tecer a pesquisa e o pensamento, em conceitos das Filosofias da Diferença de Deleuze e Guattari, articulados às proposições da clínica-poética de Bom-Tempo e a pedagogia profana de Larrosa. Uma “educação por afetos”, como dito pela autora:

Um tipo de fluxo do desejo que desterritorializa o senso comum, fazendo uma ligação entre estética e política na criação de aprendizagens que levam o pensamento a uma relação com o *fora* e cria, assim, uma nova terra, um pequeno deserto, habitada por um povo por vir e nômade (BOM-TEMPO, 2015, p. 198).

Para dar conta da produção de dados e constituir o mapa da pesquisa, vivenciei com as mulheres e crianças o Projeto de Extensão (Re)Inventar Existências, onde inventamos e habitamos territórios existenciais de experimentação de perceptos e afectos, criados pelo e no compartilhamento de experiências, abertas a produção de devires no presente.

De início, contatei as mulheres e as convidei para participarem da minha pesquisa. Elas aceitaram o convite de imediato, pois o vínculo de amizade que existe entre nós permanece vivo mesmo depois de finalizado os atendimentos no CREAS.

Procurei deixar claro a elas que nossos encontros se dariam por outras razões, diferentes daquelas vividas no CREAS, e que meu objetivo era experimentar nossas existências noutro plano, agora a perspectiva seria de psicóloga-pesquisadora-educadora a compartilhar com elas e as crianças novas experiências. Contudo, tal deslocamento foi difícil de ser vivido por mim e por elas. Por muitas vezes, precisei mover forças e alinhar meu pensamento para dar conta desse plano de imanência ora inventado.

Porém, outro desafio apareceu; quando, onde e como aconteceriam os encontros? Como faria para que todas pudessem estar juntas, levando em conta que algumas delas, além das tarefas domésticas e do cuidado com os/as filhos/as, exercem uma dupla jornada de trabalho em atividades fora dos seus lares.

Foi, então, que minha orientadora sugeriu algumas estratégias. Criamos o Projeto de Extensão que denominamos (Re)Inventar Existências, com o objetivo de constituir territórios abertos ao compartilhamento de experiências e de convivência com as mulheres, seus filhos e filhas e os/as integrantes do nosso Grupo de Pesquisa Philos Sophias que atuaram nas oficinas. Contamos com o micro-ônibus da Universidade para viabilizar o deslocamento das participantes do Projeto dos bairros onde residem até o Campus Bagé da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

Penso que, ao realizar os encontros do Projeto de Extensão na UNIPAMPA, constituímos nele novos territórios habitados por mulheres e crianças que nunca haviam estado ali. Com isso, reafirmamos o compromisso ético e estético da universidade enquanto instituição pública de fato. Espaços da universidade (des-re)territorializados pela experimentação de encontros com as mulheres e crianças das periferias da nossa cidade que nem sequer conheciam a UNIPAMPA.

Traçamos um plano que foi por muitas vezes redesenhado em razão dos pensamentos experimentados a cada momento. Planejamos e organizamos os encontros que aconteceram no período de setembro a novembro de 2019, aos sábados à tarde. E movidas pelas percepções e afecções sentidas a cada encontro, íamos repensando as atividades seguintes. Assim, fomos desenhando a cartografia dos encontros vivenciados com os/as participantes do Projeto. O desejo era promover encontros alegres, potentes.

Ao final, foram quatro encontros com quatro mulheres adultas, duas mulheres adolescentes e cinco crianças além de uma bebê que estava em gestação na época em que realizei os atendimentos no CREAS.

Mulheres e crianças que aqui são nomeadas por pseudônimos de pássaros. Essa invenção tem relação com a escolha que fiz desde o início dessa escrita ao fabular o devir-fênix para dizer poeticamente das forças ativas que possibilitam subverter a morte e inventar outras vidas, como a capacidade de regeneração das cinzas simbolizada pela figura mitológica do pássaro Fênix.

Força de uma arte de (re)existência que me remete ao trecho da poesia “O apanhador de desperdícios” de Manoel de Barros, poesia que fala das forças, da beleza dos seres da natureza e da simplicidade da vida, como os pássaros que nos mostram a potência de seu voo e de seu canto:

Tenho em mim um atraso de nascença.  
 Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.  
 Tenho abundância de ser feliz por isso.  
 Meu quintal é maior do que o mundo.  
 Sou um apanhador de desperdícios:  
 Amo os restos como as boas moscas.  
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

(Manoel de Barros)

Voos e cantos em encontros de vidas marcadas intensamente. Encontros e (re)encontros que não tem o sentido comum de agrupar pessoas ou coisas, mas de experimentar efeitos, devires, em movimentos que desfazem unidades e acontecem em meio às forças movidas:

Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer e jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades. Todas essas coisas têm nomes próprios, mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um zigzague, algo que passa ou que se passa entre dois como sob uma diferença de potencial:

“efeito Compton”, efeito Kelvin”. Dizíamos a mesma coisa para os devires: não é um termo que se torna outro, mas cada um encontra o outro, um único devir que não é comum aos dois, já que eles não têm nada a ver um com o outro, mas que está entre os dois, que tem sua própria direção, um bloco de devir, uma evolução a paralela. É isso a dupla captura, a vespa E a orquídea: seque algo que estaria em um, ou alguma coisa que estaria no outro, ainda que houvesse uma troca, uma mistura, mas alguma coisa que está entre os dois, fora dos dois, e que corre em outra direção. Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a paralela, núpcias, sempre "fora" e "entre". Seria isso, pois, uma conversa (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 6-7).

Encontros em que os ambientes, espaços e materialidades foram planejados e preparados com o intuito de disparar potências de produção de um corpo coletivo (corpo sem-órgãos) capaz de constituir-se como máquina de guerra, cujo poder dinamizador foi ativado no intuito de deslocar forças de decomposição dos corpos-organismos (corpos hierarquizados, repartidos e reduzidos à condição de “vítima”, sujeito a medidas protetivas da família e do Estado) e abrir possibilidades para outras genealogias, “uma ambição nômade” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 33). Assim como diz o Tratado de Nomadologia:

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto ao outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembleia, etc.). Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência na vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário. O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia, bem como de uma direção próprias. A vida do nômade é *intermezzo*. Até os elementos de seu habitat estão concebidos em função do trajeto que não para de mobilizá-los [...] por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, não tem a função do caminho sedentário que consiste em *distribuir aos homens um espaço fechado*, atribuindo a cada um a sua parte, e regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faz o contrário, *distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto*, indefinido, não comunicante [...] distribuição muito especial, sem partilha, num espaço sem fronteiras, não cercado. O *nomosé* a consistência de um conjunto fluído [...] o espaço nômade é liso, marcado apenas por traços que se apagam e se deslocam com o trajeto (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 53-55).

Posso dizer, então, que os encontros, os trajetos, os territórios habitados e os corpos alçaram voos nômades, pois se constituíram de diferentes modos durante a pesquisa, o que é um traço da própria cartografia, mapa sempre aberto ao novo, ao inusitado.

Nem os percursos feitos para buscar mulheres e crianças em suas residências aconteceram sempre do mesmo jeito. Refizemos as rotas, por várias vezes. Assim como,

mudamos atividades, espaços e proposições, constantemente, movidos/as pelos perceptos afectos que fluíam a cada experiência.

Desses encontros e (re)encontros surgiu a escrita cartográfica na qual movi o pensamento de modo a perceber como fomos afetadas pelas experiências. Compus, assim, um emaranhado de linhas que atravessam estratos (casos de violência sexual) e abrem novas possibilidades, ao criar forças ativas como fluxos intensos de desejo de transformar existências.

Construí as narrativas das experimentações vividas nos encontros com as mulheres e crianças, operando o pensamento pela transversalização de experiências passadas (memórias dos atendimentos no CREAS) e presentes (Projeto de Extensão) e estudos feitos, constituindo nessa operação do pensamento a análise dos dados produzidos na pesquisa. Análise em que procurei desestabilizar possíveis eixos dominantes de comunicação, por ser eu sujeito falante a pensar sobre os acontecimentos vividos, e colocar-me em posição de estranhamento, de interrogação constante ao meu próprio pensamento. Pensamento intermezzo de quem se percebe encharcada pelas histórias, profundamente afetada e implicada nas relações entre os corpos, as vidas e as experiências.

Nas narrativas misturo relatos, imagens fotográficas, desenhos e escritas das mulheres, suspeitas, leituras, emoções, perceptos e afectos ativados pelo exercício do pensamento e da escrita, operação de desmontagem das formas, agindo em suas bordas para “atiçar o que nelas insiste/resiste como força de criação” (BENEVIDES; PASSOS, 2003). Pois, “no limite das formas algo vibra e contagia. Essa vibração, esse contágio cria uma ativação intensiva que permite tender (ir em direção) estender os limites do caso” (PASSOS; BARROS *apud* PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2015, p. 164).

Percebo que os encontros e (re)encontros experimentados constituíram territórios existenciais intensivos que provocaram a (re)invenção dos seres vivos, mulheres, crianças e integrantes do Grupo Philos Sophias, e não-vivos, coisas e espaços e das relações entre eles. Experimentações de existências atravessadas e conectadas entre si, com os espaços habitados, as materialidades (corpos, olhares, gestos, toques, pensamentos, conversas, objetos, espaços, sons, aromas, sabores, músicas, danças, brinquedos, jogos, desenhos), e as pessoas que habitaram e deram vida aos territórios criados de modo (in)esperado em cada encontro.

#### 4.1 Encontros com o (in)esperado

O primeiro encontro do Projeto de Extensão (Re)Inventar Existências aconteceu na tarde do dia quatorze de setembro de 2019. Iniciamos os preparativos já pela manhã, organizando dois ambientes: um que seria habitado pelas crianças (uma sala com brinquedos, jogos, livros infanto-juvenis, massa de modelar, materiais de desenho, instrumentos musicais) e outro para as mulheres (onde foi confeccionado um tapete sinestésico com materiais de diferentes texturas, aroma de incensos, músicas suaves, luzes coloridas e uma mesa com outros objetos diversos, brinquedos, chás, frutas...).

**Figura 07: Ambientes e materialidades**



Fonte: Autora (2019).

À tarde, minha orientadora e eu, iniciamos a viagem pelos bairros nas periferias da cidade com o transporte da universidade para buscar as mulheres e as crianças nas suas casas, residências em que estive outras vezes quando prestava a elas atendimento pelo CREAS.

Algumas ruas de chão batido, sem calçamento, estreitas, muitas casas precárias, esgoto a céu aberto, terrenos baldios, lixo espalhado pelas ruas, desenhavam a geografia das condições de precarização a que as populações das periferias urbanas estão expostas em nossa cidade.

Mesmo com os endereços em mãos, por várias vezes nos perdemos nos bairros. Uma verdadeira aventura chegar ao destino certo. Talvez, este seja um indício de que nem sempre circulamos por esses locais e quando o fazemos, não prestamos muita atenção nessa geografia desigual que forma o mapa da cidade em que vivemos. Mas, cada (re)encontro compensou todas as dificuldades. Abraços calorosos e profunda alegria em rever pessoas tão especiais para mim.

Bairro Narciso Sune, primeira parada. Ainda de longe, avistei Siriema<sup>7</sup> e seus três filhos: Saracura, Sairá e Sabiá, em frente à morada-ninho que um dia fora de seus pais, e agora era sua, depois de enfrentar um difícil litígio familiar com outros parentes.

Siriema nos aguardava aplumada, uma linda e serena pose de mãe-pássaro que tinha em seus braços a pequena Saracura, ao lado, Sairá e Sabiá, seus dois meninos, que entraram num voo veloz no micro-ônibus e pousaram as poltronas, desbravando com seus olhares atentos e curiosos o interior do veículo. Momentos alegres, com direito a um gostoso perfume de bebê-pássaro.

Com o veículo já em movimento, deslocamo-nos em direção ao próximo itinerário, que não foi muito próximo, pois nos perdemos algumas vezes. Chegamos ao Bairro São Jorge. Numa avenida, em frente a um campo de futebol, enxerguei Bem-te-vi<sup>8</sup>, Andorinha e Seu Cardeal. Ao cumprimentá-los, fui acolhida com o rico abraço de Andorinha.

Bem-te-vi e Andorinha também pousaram no micro-ônibus contentes. O olhar de Andorinha conduziu-me às lembranças dos tempos em que a menininha que adorava usar vestidos e tiara nos cabelos, sorria com os olhinhos e apresentava-me como sua “Psicoltra” (ainda não sabia pronunciar psicóloga). Toda vez que “a minha psicoltra” ecoava nos corredores do CREAS, eu sabia que era ela. Bem-te-vi assumiu a guarda de Andorinha, filha de seu irmão que perdeu a paternidade por violentar a menina. Segundo Bem-te-vi, irmãos e irmãs de Andorinha ainda estão expostos a contextos de violências diversas: dependência química, prostituição, delitos.

Dali, saímos rumo ao Ginásio Militão, ponto de referência da casa de Rolinha e seus filhos, Irerê e Colibri. Este, até então, foi o único percurso fácil devido à localização mais centralizada na cidade, a Avenida General Mallet, no Bairro Tiarajú. Tudo tranquilo então, exceto a birra do Colibri que entrava no ônibus brigando para sentar na frente, no lugar que Sabiá ocupava. Eu percebi que não era só por isso que ele brigava. O Colibri que eu

---

<sup>7</sup>Mulher (30 anos), mãe biológica da menina Saracura (7 meses) e dos meninos Sairá (5anos) e Sabiá (7 anos), Siriema e seu companheiro de 44 anos de idade (padeiro), residem em casa própria no bairro Narciso Sune em Bagé, RS. Tanto Siriema quanto seu companheiro, ambos possuem ensino médio completo. Sairá e Sabiá são estudantes de escola pública, onde estão cursando o ensino fundamental. Siriema é manicure e cabeleireira sendo que no atual momento ocupa-se somente com atividades do lar. A família que não é beneficiária de programas sociais, mantém-se com a renda de R\$ 1.600,00. Siriema, o companheiro e os filhos são de etnia branca.

<sup>8</sup> Mulher (53 anos) mãe adotiva da menina Andorinha (8 anos). Bem-te-vi, seu companheiro Cardeal (51 anos) e Andorinha, residem em casa própria localizada na Rua Orvandil Alves Lucas, Bairro: São Jorge, em Bagé RS. Bem-te-vi, Cardeal e Andorinha possuem como escolaridade o ensino fundamental incompleto. Andorinha é estudante de escola pública. A família que não é beneficiária de programas sociais, recebe a renda bruta de R\$ 1.400, referente ao faturamento de uma pequena propriedade rural que Bem-te-vi possui. Bem-te-vi é dona de casa e Cardeal trabalha em serviços Gerais e está desempregado. Bem-te-vi é de etnia negra, Cardeal é de etnia branca e Andorinha de etnia parda.

observava fazendo birra me comunicava muitas outras coisas, algumas já anunciadas pela mãe quando semanas atrás me ligava pedindo orientação, pois precisava contar com a rede de apoio psicossocial do CREAS para atendimento de seu filho, não obtendo respostas.

Outro caso de violência sexual que aconteceu pelo abuso do poder paterno, uma relação que envolveu crianças de duas gerações na mesma família. Essa situação permaneceu até que um dos meninos, na época com quatro anos de idade, contou a mãe sobre as violências cometidas pelo avô. Quando a mãe viu as marcas da violência no corpo do filho, suas lembranças começaram a vir à tona. E depois de interligar memórias de vários episódios de violência sexual que envolviam o seu pai e seus filhos, recorreu à equipe do CREAS.

Foi uma luta árdua que esta mãe precisou travar. Hoje, essa mulher, não só garante a proteção de seus filhos, mas também atinge outras crianças, pois seu posicionamento firme e ativo motivou uma mudança de muitas outras mães do seu círculo de relações, atingiu a sua família, a escola e a sua comunidade.

Próximo desafio: encontrar o endereço da nossa penúltima integrante, Garça<sup>9</sup>. Para buscá-la partimos para o Bairro Goulart. Em frente a sua humilde habitação, ela nos esperava na companhia de sua mãe e com seu lindo urso de pelúcia no colo. Menina autista que sofreu um estupro quando tinha 11 anos de idade.

É sempre gratificante encontrar Garça, ela que foi um dos meus maiores desafios profissionais: uma menina autista que fora violentada sexualmente por dois homens. Logo que pousou no micro-ônibus, já queria saber quando seria o próximo encontro.

Enfim, partimos em busca de Freirinha<sup>10</sup> e seu pequeno filho Maçarico, no Bairro Habitar Brasil, outra jovem que vivera a violência sexual praticada pelo padrasto no ambiente doméstico, desde que ela tinha cinco anos de idade e que, aos 14 anos engravidou em decorrência dessa relação violenta.

Em frente a sua humilde morada, Freirinha nos aguardava. Com um sorriso meigo, entregou-me nos braços seu filhote, Maçarico. Senti um misto de saudade e ternura. Durante a

---

<sup>9</sup> Mulher adolescente de (16 anos), reside com a mãe de 45 anos e o padrasto de 47 anos em uma casa alugada localizada na Rua Astrogildo Amaral, Bairro Goulart na cidade de Bagé RS. Tanto a mãe quanto o padrasto de Garça, possuem ensino fundamental incompletos, a mãe de Garça é diarista e o padrasto eletricitista, ambos trabalham de forma informal, mantendo-se com o valor que recebem do benefício de prestação continuada (BPC) já que a adolescente é autista. Todos auto declaram-se com etnia branca.

<sup>10</sup> Mulher, adolescente (17 anos), mãe biológica de Maçarico (2 anos). Seu filho Maçarico e sua mãe de (52 anos), residem em casa própria localizada na Rua Miguel Centena, Bairro Habitar Brasil, na cidade de Bagé RS. É estudante e está cursando o ensino médio em escola pública, sua mãe possui ensino fundamental, trabalhando como empregada doméstica de forma informal. A família é beneficiária de Programa Social (Bolsa Família), obtendo como renda bruta o total de R\$ 936,00. Freirinha, sua mãe e Maçarico possuem etnia parda.

viagem, Freirinha comentou comigo sobre a escola e seus olhos brilharam. Sentia-se empolgada e determinada a seguir seus estudos.

O percurso fora tão longo que, mesmo sendo a primeira vez que estávamos juntos, já entoávamos um canto uníssono de conversas que fluíam no território formado no interior do veículo. Na chegada ao Campus, as mulheres e crianças desceram em revoada. Nos olhos de cada pássaro entusiasmo e curiosidade. Compomos um novo território no saguão e formamos uma roda para dar as boas-vindas, fazer as apresentações e falar das expectativas em relação aos encontros do bando.

### **Figura 08: Habitando novos territórios**



Fonte: Autora (2019).

Ao iniciar a conversa, agradei aos/às demais integrantes do Grupo Philos Sophias e à minha orientadora por tornarem viável o Projeto. Também agradei às mulheres e crianças, expressando o quanto me sentia honrada pela participação de cada uma que abdicou de seus compromissos, afazeres ou até mesmo lazer para estar ali e contribuírem na trajetória profissional e de vida que se fortalecia no compromisso assumido ao fazer parte da pesquisa.

Foi então que cada uma delas se apresentou e, mesmo encontrando-se pela primeira vez com o grupo, expressaram de forma breve, emocionada, o que viveram ao atravessarem situações de violência sexual. Ao mesmo tempo, percebi em suas narrativas um ato de coragem.

A apresentação de Freirinha me fez lembrar das circunstâncias em que a atendi no CREAS, quando a adolescente teve a atitude corajosa de denunciar as relações sexuais violentas e as ameaças que suportava. Até o momento da denúncia, família e a escola mantinham um pacto de silêncio que reforçava e mantinha a cultura do estupro. A violência manteve-se silenciada até a gravidez de Freirinha. Somente após o rompimento desse ciclo soube-se que a mãe também era violentada pelo companheiro. Em seguida do nascimento de Maçarico, mãe, filha e neto foram acolhidos, na Casa da Mulher Vítima de Violência Doméstica, onde permaneceram durante alguns meses até poderem retornar para sua casa.

Freirinha teve seu corpo capturado pela cultura patriarcal que obscurece as contingências em que acontecem estupros contra meninas e meninos. Freirinha soltou seu grito com força, palavras e lágrimas que demonstraram resistir às violências.

Também Garça num sobressalto anunciou indignada: “Dois vagabundos me estupraram”. Percebo que, as marcas das violências sexuais transformam os corpos dessas meninas em forças reativas de indignação, mas também ativas pela denúncia e desejo de viverem de outros modos.

Siriema, Rolinha e Bem-te-vi, manifestaram outras estratégias de resistência à violência sexual. Para elas, a maternidade tornou-as mais fortes, pois afirmaram sentirem prazer em viver suas experiências como mães. Além de expressar a alegria que sentia com as conquistas da filha adotiva, Bem-te-vi relatou sua atuação no Clube de Mães e a importância que tinha para ela participar das lutas pelos direitos das mulheres.

E como agiram as crianças nesse primeiro momento? Elas não ficaram por muito tempo no círculo. Corriam alegres pelo saguão como pássaros que não aceitam gaiolas. Maçarico subiu as escadas com uma agilidade encantadora. Sabiá arriscou-se com seu canto a *hablar* um *portunhol* desejando “*buenas tardes*” às pessoas que não eram para ele estranhas. Andorinha, Irerê e Sairá não quiseram se apresentar. O desejo de alternar sobrevoos e pousos naquele lugar até então desconhecido que lhes parecia “tão grande” (como anunciou Sabiá), era bem mais prazeroso.

Então, convidamos, as mulheres e as crianças para nos acompanharem até as salas em que aconteceriam as demais experimentações. As crianças subiram as escadas com pressa, e povoaram a sala que as aguardava, constituindo ali um território de alegria intensa.

Crianças e adultos se misturando aos brinquedos, jogos, materiais de desenho, massas de modelar, livros de histórias infantis, tapetes, almofadas, instrumentos musicais, perucas, expandindo potências, corpos transbordando pelo contágio de forças ativas do alegre “criançar”, tornando tênue as fronteiras de todas nomeações, categorizações e classificações que separam seres viventes, coisas, espaços e tempos....

**Figura 09: Criançar**

Fonte: Autora (2019).

As mulheres, por sua vez, pousaram e habitaram outra sala, onde estávamos outra colega do Philos e eu. Elas entraram de olhos vendados e pés descalços. Ao som de uma música suave e no ambiente perfumado pelos incensos, transitaram no tapete sinestésico, experimentando a produção de corpos e movimentos imanentes de transbordamento de afecções entre corpos, materialidades e imaterialidades.

**Figura 10: O que podem os corpos?**

Fonte: Autora (2019).

Seguimos experimentando a produção de corpos intensivos, abrindo espaço para criar perceptos e afectos manifestados em conversas. Bem-te-vi entoou seu canto, dizendo das diferentes sensações experimentadas. Disse que ao transitar pelo tapete sensorial, “viajou” por diversos lugares, experimentando desde a caminhada em uma mata até o contato com aromas e chás que lhe eram familiares. Sentira que a experiência fora diferente e prazerosa.

Rolinha foi a única que explorou o tapete sinestésico por duas vezes, percebia e sentia tudo com muita intensidade. Para ela, a experiência fez lembrar sua infância e as infâncias de seus filhos. Comentou que não conseguiu ser totalmente criança, ao afirmar: “Muito cedo eu tive que trabalhar”. A boneca lhe trouxe a memória de uma infância negada, lembrava-se de momentos em que sentia desconfiança de quem se aproximasse para brincar com ela. Falou de muitos medos: “Eram pesadelos de noite, lembranças e sensações tristes durante o dia, eu não me concentrava pra brincar”. Hoje se preocupa com os filhos dizendo que não deseja que eles amadureçam rápido demais como ocorreu com ela.

Perguntei se mais alguma delas se identificava com o que Rolinha havia narrado. Foi quando Freirinha respondeu que sim, dizendo que a boneca também lhe remeteu a uma infância roubada, explicando que foi mãe muito cedo e que muito, além disso, vivenciou as circunstâncias da violência sexual quando ainda era muito pequena. Conforme suas palavras: “Não tive infância, por uma coisa que alguém roubou, se intrometendo na minha vida”.

Quando perguntei sobre sua vida hoje: “Hoje eu sei falar sobre o que eu passei. Compreendo o que é uma violência sexual, sei dizer o que eu sinto, só que não consigo viver a adolescência também, pois tenho que cuidar de meu filho, e as pessoas acham isso normal, mas eu sinto falta do que eu não vivi. Eu aceito e entendo tudo isso, mas eu também gostaria de ter sido criança, ninguém entende isso. Muitas pessoas espantam-se comigo dizendo: uma criança cuidando outra. Só que ninguém sabe o que eu passei!”

Garça sensibilizou-se com a narrativa de Freirinha, expressou em seu rosto compreender o que ela sentia, no entanto, nada verbalizou a respeito.

Perguntei: “Como conseguiram superar momentos tão difíceis?” Siriema disse que o longo período em que esteve em terapia lhe deu força para o enfrentamento das dores. Falou das dificuldades que vem enfrentando na escola de Sairá, onde é chamada constantemente para ouvir queixas sobre o comportamento de seu filho. Disse, ao final de seu relato, que aprendeu a viver um dia de cada vez, permitindo-se sofrer quando necessário, sem deixar de se reerguer no dia seguinte.

Depois destes relatos, fomos para a sala em que estavam as crianças fazer um lanche coletivo. A alegria das crianças contagiou as mães que começaram a brincar, cantar e sorrir com seus pequenos. Outro momento em que devínhamos pássaros do mesmo bando.

Assim, concluímos o encontro, voltamos ao micro-ônibus que refez o percurso para que as mulheres e as crianças retornassem às suas casas. Percebi nos semblantes o cansaço

prazeroso de quem viveu um dia especial, que deixava registros significativos e a promessa de outros reencontros.

Ao retomar esse primeiro encontro, as experiências nele vividas me fizeram pensar sobre as políticas protetivas e os agenciamentos das práticas de disciplinamento dos corpos infanto-juvenis. Em nome de proteção e cuidado, os adultos falam sobre as crianças, muitas vezes, sem ouvi-las (e também, os adolescentes), valendo-se de um “poder falar a verdade” pela condição que assumem de *expertises*, agem sobre o governo dos corpos infanto-juvenis, tornando esses seres imbecilizados, imaturos e incapazes de...

Formas de governar infâncias e adolescências que fazem eco com a cultural patriarcal e machista, ainda mais quando se trata de relações geracionais, de gênero e étnico-raciais. Desencadeiam-se práticas de normalização e patologização dos desviantes ativadas por profissionais da educação e da psicologia quando embasados nas concepções modernas de infância e adolescência como etapas cronológicas universais de inocência e incapacidade. Mello e Santos (2018, p. 315) nos falam a respeito:

A infância da atualidade é produto de um legado histórico, atravessado por questões sociais, econômicas, culturais e religiosas. Contudo, é necessário evidenciar que, antes de tais atravessamentos, a infância é fruto do olhar do adulto sobre a criança, proporcionando uma suposição de necessidades das crianças e práticas de cuidado direcionadas a elas. Larrosa (1998, p. 68) expõe a existência de uma perspectiva do adulto sobre a criança ao escrever que “a infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher”.

Entendi que as violências não cessam quando os atos sexuais violentos são interrompidos e os agressores não convivem mais com as crianças e adolescentes. Elas se desdobram em marcas gravadas nos corpos que afetam outras relações. Como dito por Freirinha: “É difícil fazer amizades”, “Ter outros relacionamentos” e “ser respeitada”.

Verdades ditas com coragem que causaram forte impacto no grupo. Relatos que denunciaram as injustiças e o repúdio de corpos violados na infância e na adolescência. Não esperava que fossem tão corajosas, tão íntimas de imediato, que tomassem a palavra e pronunciassem sua verdade diante de um grupo de mulheres e homens que, em sua maioria, conversavam pela primeira vez.

Seria essa manifestação de coragem um indício do que Foucault (2010) chamou de *parresia*? Dizer a verdade de cada um numa prática a dois, numa atividade conjunta em que o outro recebe tal verdade e torna-se parceiro indispensável dessa fala franca, sem reservas, sem máscaras, dizer a verdade que se pensa “não da boca pra fora”, o parresiasta “assina embaixo

da verdade que enuncia”, mesmo correndo o risco de quebrar os vínculos de amizade e parceria que lhe possibilitaram em certo momento dizer a verdade, pois:

[...] o sujeito [ao dizer] essa verdade que marca como sendo sua opinião, seu pensamento, sua crença, tem de assumir certo risco, risco que diz respeito à própria relação que ele tem com a pessoa a quem se dirige. Para que haja *parresia* é preciso que, dizendo a verdade, se abra, se instaure e se enfrente o risco de ferir o outro, de irritá-lo, de deixá-lo com raiva e de suscitar de sua parte algumas condutas que podem ir até a mais extrema violência. É, portanto a verdade, no risco da violência. [...] Em suma, para que haja *parresia*, é preciso que, no ato da verdade, haja: primeiro, manifestação de um vínculo fundamental entre a verdade dita e o pensamento de quem a disse; [segundo], questionamento do vínculo entre os dois interlocutores (o que diz a verdade e aquele a quem essa verdade é endereçada). De onde essa nova característica da *parresia*: ela implica uma certa forma de coragem, coragem cuja forma mínima consiste em que o parresiasta se arrisque a desfazer, a deslindar essa relação com o outro que tornou possível precisamente seu discurso. [...] o risco de questionar e romper a relação de amizade que, no entanto, tornou possível esse discurso de verdade (FOUCAULT, 2010, p. 12).

Garça, Freirinha, Bem-te-vi, Siriema e Rolinha assumiram a condição de parresiastas, pois não temeram os riscos de anunciar seu canto, suas verdades, mesmo sendo aquele o primeiro momento de convivência com algumas pessoas que ali estavam. Daí, partimos para pensar e organizar o segundo encontro. A ideia persistia; experimentar encontros intensivos e potentes entre mulheres, crianças e integrantes do Philos Sophias, almejando a criação de devires-fênix.

#### 4.1.1 Trajetos Nômades

No segundo encontro, depois de percorrer os bairros em direção ao Campus, convidamos as crianças a habitarem o pátio da Universidade. Dessa vez, dispomos materialidades ao ar livre (brinquedos, bolas, cordas, caixas, bambolês feitos artesanalmente, sacos e outros artefatos, e até desenhamos uma amarelinha) para que as crianças e alguns integrantes do Grupo Philos (homens e mulheres) experimentassem juntos correr, pular, saltar, fazer bolhas de sabão e outros jogos e brincadeiras que quisessem inventar nesse novo ambiente. A tarde ensolarada convidava a voar livre, solto. O verde das gramíneas se misturou com o azul do céu, uma brisa leve, os corpos, pequenos pássaros e as materialidades nas conversas e brincadeiras que desenharam um lindo território de criança.

**Figura 11: Devires Criança**



Fonte: Autora (2019).

As mulheres, minha orientadora, outras duas colegas e eu habitamos outro território, uma sala que tínhamos preparado pela manhã. Iniciamos nossa composição vital com alguns exercícios de Biodanza<sup>11</sup> como forma de experimentar os corpos em movimento misturados as materialidades que ali estavam: balões, fitas, plumas, almofadas, tapetes, flores, aromas, luzes, músicas.

**Figura 12: Corpos dançantes**



Fonte: Autora (2019).

Desejávamos provocar deslocamentos e sensações que nos permitissem experimentar o inusitado dos encontros, liberar os corpos organismos das organizações corpóreas, vencer os medos que tanto foram ditos no primeiro encontro, permitir o toque e sentir o calor das amizades que se multiplicavam a cada momento vivido.

Na seqüência dessas experimentações de corpos dançantes, sentamos em roda no chão da sala e uma das colegas integrantes do Grupo Philos convidou as demais mulheres que ali estavam a ler e conversar sobre o conto Amor de Clarice Lispector (Anexo A).

<sup>11</sup> A Biodanza foi criada por Rolando Toro (1924-2010), professor, psicólogo, antropólogo, poeta e pintor chileno, que inventou tal arte definida por ele como “poética do encontro humano”, nascida do “desejo de redimir nossas vidas do desespero, falta de amor e solidão”. Segundo ele, o importante é que todas as pessoas possam dançar sem padrões ou movimentos programados, mas movendo os corpos para despertar neles e com os outros corpos e ambientes, “a força cósmica do amor irradiante, poderoso, integrador e extraordinário” (<https://br.video.search.yahoo.com/search/video?fr=mcafee&p=youtube+rolando+toro+biodanza#id=3&vid=01f3fd274911529fc19b38239b8d359a&action=click>).

**Figura 13: Conversas com Clarice**



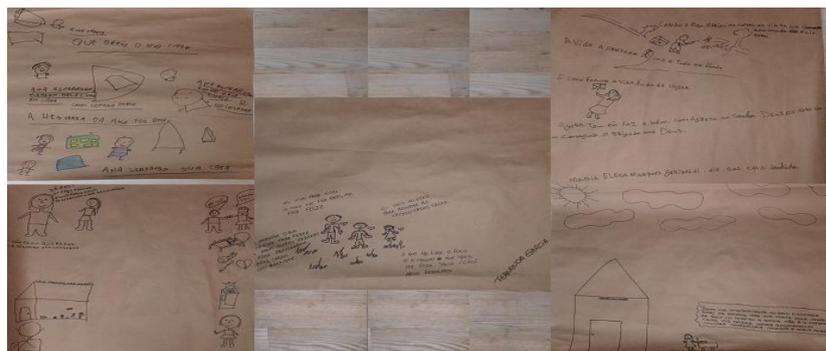
Fonte: Autora (2019).

Escolhemos essa obra literária como dispositivo disparador de pensamentos em torno do modo de existir de mulheres e das potências que acionamos para (re)inventar nossas vidas diárias, pois, esse conto apresenta o cotidiano da personagem Ana, uma mulher que vivia presa ao espaço doméstico e as tarefas de dona-de-casa, cuidados com o marido e filhos. Agenciamentos da cultura machista e patriarcal que também percebo nas vidas de nós mulheres hoje em dia, apesar de todas as lutas travadas pelos movimentos feministas. A história de Ana é ainda a história de muitas de nós mulheres, pois:

O dia a dia experienciado na vida doméstica, frente às tarefas, às negociações do tempo e afazeres daqueles que coabitam um mesmo território e que necessitam estabilizar os locais para o “bom funcionamento” destes, produz, nas práticas diárias, a abolição de experimentações de outras formas de existência, valorizando o cálculo que engessa os corpos em atividades automatizadas, fortificando as divisões e os papéis sociais, em segmentaridades cotidianas (BOM-TEMPO, 2015, p. 176).

Mas algo rompe esse processo de repetição mecânica na vida de Ana: um encontro com um jovem cego no bonde dispara naquela mulher uma força para quebrar a rotina e experimentar o inusitado numa fuga fortuita ao Jardim Botânico. Depois das leituras e das conversas, propomos a elas que expressassem seus pensamentos e emoções em desenhos e escritas.

**Figura 14: Histórias de mulheres**



Fonte: Autora (2019).

Siriema disse que, em seu desenho, estavam representados seus filhos, comentando sobre as dificuldades que enfrenta como mãe e esposa, assim como ocorria na vida da personagem Ana. Seu relato leva-me a pensar o quanto as desigualdades de gênero ainda marcam os corpos de mulheres e as fazem únicas responsáveis pela educação e cuidado dos filhos/as.

Bem-te-vi contou que no seu desenho o cego tornava-se uma força espiritual, associando a história da Ana a sua pela coragem que teve de fugir do seu primeiro marido autoritário e agressivo. “Meu marido me correu de casa, estava sempre embriagado, ameaçava me matar, dizia que iria fazer o serviço bem feito, que me mataria e depois tiraria a própria vida. Um dia ele foi para o quarto e voltou armado com facão e revólver. Eu consegui fugir pela porta dos fundos, mas ele veio atrás dando tiros, saí correndo pelo mato fugindo”.

Freirinha também associou a história de Ana a sua experiência com a maternidade precoce, referindo-se a algo muito forte: “Um dos maiores impactos da minha vida, foi quando nasceu o Maçarico, com a maternidade eu perdi o controle total da minha vida”. “Cada dia é uma coisa nova, muita exigência, todo mundo ama, todo mundo cuida, mas na hora de jogar na cara: Tu é que é a mãe, foi tu que fez, é tu quem tem que cuidar”.

Perguntei se fazendo uma analogia ao conto, poderíamos comparar Maçarico, seu filho, ao cego na vida de Ana, no momento em que o cego lhe assusta, fazendo com que deixe cair os ovos de suas mãos quebrando-os no mesmo instante em que Ana passa a refletir sobre sua vida. Ela respondeu que sim. Perguntei como surgem, então, essas “outras formas de existir”? Freirinha demonstrou força e coragem ao dizer: “Deu tanta coisa errada na minha vida que hoje não é qualquer coisa que me abala”; “Meu filho mudou tudo, mas se não fosse ele eu não sairia daquele sofrimento, no momento em que reagi, eu fiquei muito mais forte, eu tenho um filho, e ele precisa de mim”.

Siriema e Rolinha, inicialmente, comentaram sobre situações cotidianas de sua condição materna. Através de desenhos Siriema representa sua rotina doméstica: os filhos brincando, brigando e solicitando sua atenção, sua mãe e o alcoolismo que perturba a todos. Também mostra que, em seu desenho, retratou cenas diárias em seu contexto de trabalho, apresentando um chefe excessivamente autoritário, situações abusivas de poder que lhe causam culpa e ansiedade: “Esses dias, descobri que estava sofrendo de ansiedade através de algo que eu li e me alertou. Ali, assim como a Ana, ‘enxerguei o cego’, percebi que também posso ajudar as pessoas, quem sabe através da escrita... Eu gosto muito de escrever, penso em escrever um livro sobre tudo o que eu passei, para que as pessoas ao se identificarem com a minha história, busquem formas para enfrentarem suas dificuldades também. Eu sou uma

mulher totalmente diferente do que eu fui, hoje, tenho outros olhos para o mundo, fiquei mais sensível também para os meus filhos, hoje consigo perceber oportunidades que me tiram da rotina, não sigo mais caminhos seguros”.

Percebo que, a maternidade, a vida doméstica e as lutas cotidianas aparecem nas falas das mulheres-mães como estratégias de criação simultânea de forças reativas e ativas às situações de violência sexual. Em resposta às violências cometidas em suas vidas, elas dizem tornarem-se fortes para preservar seus filhos/as, desejando afastá-los/as dos perigos. Contudo, essas relações acabam por naturalizar e reforçar desigualdades de gênero próprias da cultura patriarcal e machista, em razão de serem as mulheres que respondem sozinhas pelo cuidado e educação das crianças.

Mesmo aquelas que vivem uma relação conjugal com homens, assumem as responsabilidades pela educação e cuidado dos filhos/as como funções apenas suas, tendo que conciliar a vida doméstica e familiar com o trabalho ou estudo e os diversos problemas que decorrem das situações cotidianas enfrentadas nas escolas quando as crianças são envolvidas em práticas de violência institucionalizada; como um fato narrado por Bem-te-vi, quando a mesma questionava a postura da equipe escolar de Andorinha em diversos contextos, incluindo a suspeita da escola sobre uma possível agressão física que Andorinha teria sofrido pelo companheiro de Bem-te-vi. Segundo ela, nesta ocasião, a escola coagiu a menina Andorinha a contar o que estava ocorrendo em seu contexto familiar. A escola, sem fazer contato com Bem-te-vi, acionou o Conselho Tutelar. Bem-te-vi salienta que jamais deixaria de prover cuidado e a proteção à Andorinha, no entanto, sentiu que as medidas tomadas pela escola foram pouco assertivas, pois negaram a ela e seu companheiro o direito de expressarem o que de fato ocorria. Bem-te-vi expressa certo ressentimento também pelo fato ocorrido ter acarretado na separação dela e do companheiro que segundo sua percepção sempre foi muito afetuoso e cuidadoso tanto com ela quanto com a menina.

Cabe trazer aqui a leitura que faço do livro de Elisabeth Bandinter (1985) “Um amor conquistado: o mito do amor materno”, em que a autora coloca em questão algo extremamente polêmico; a maternidade como natureza determinante da existência feminina e o amor materno como inato. Pensamento esse que captura corpos de mulheres por uma lógica de amor materno enquanto sentimento natural e que negligencia a variabilidade desses sentimentos em suas relações com as culturas, costumes presentes em diferentes contextos históricos, geográficos e sociais.

Creio que tal naturalização e captura dos corpos femininos pela maternidade como norma e o amor materno como transcendente a toda e qualquer circunstância em que se vive a

maternidade, inclusive quando essa é fruto de atos de violência sexual, expõem a fragilidade de nossas forças ativas como mulheres que podem se sentir de outros modos e viverem sem essa carga de responsabilidade exclusiva pelos filhos e filhas gerados em nossos corpos com ou sem a expressão de nossos desejos.

Mulheres que cuidam, educam e sustentam sozinhas seus filhos/as são formas de existências cada vez mais presentes na vida social, tanto porque as configurações familiares mudaram nas diversas sociedades e a família heteronormativa não é, nem nunca foi, a única existente, quanto pelos desdobramentos do crescimento da inserção das mulheres ocidentais nos espaços públicos, ainda mais pelas lutas deflagradas pelos movimentos feministas que corroeram estruturas machistas e patriarcais.

Contudo, outro elemento a se considerar é que as mulheres com quem desenvolvemos o Projeto moram nas periferias urbanas da nossa cidade, possuem um poder aquisitivo baixo, foram educadas em famílias heteronormativas e são afetadas por valores tradicionais da cultura de nossa região que é extremamente machista. Também, não podemos ignorar que, mesmo vivendo desses modos, elas não deixam de reivindicar seus direitos, então, ao mesmo tempo que sua condição de maternidade as leva a reforçar a cultura patriarcal e machista predominante, seus discursos e lutas diárias frente às violências a que estão expostas, demonstram que não se conformam com as desigualdades de gênero.

Daí, minha percepção de que nessas existências expressam-se forças ativas e reativas, simultaneamente, “qualquer coisa que se individua e ainda porta germes pré-individuais a abrirem o cotidiano à criação” (BOM-TEMPO, 2015, p. 198).

A intensidade com que vivemos as experimentações do primeiro e segundo encontro e as questões por elas suscitadas, levaram-nos a pensar e planejar as experimentações do terceiro encontro como proposição de invenção de corpos nômades, ou seja, moventes, em deslocamentos constantes, fluídos, transbordantes da sua condição de organismo e da posição de gênero que limita existências à produção de desejos que mobilizem potências de (re)invenção.

#### **4.1.2 Corpos Nômades**

No terceiro encontro, o território criado e habitado pelos pequenos pássaros junto com integrantes do Grupo Philos, propiciou, além das brincadeiras e jogos com as materialidades dos brinquedos, livros, matérias de desenho, massa de modelar e outros artefatos do universo

infantil dispostos e manuseados livremente, uma oficina de culinária de *cupcakes* (bolinhos decorados) e suco de laranja feitos artesanalmente pelas próprias crianças.

**Figura 15:Doçuras e travessuras**



Fonte: Autora (2019).

Em outra sala, vivenciamos (minha orientadora, outra colega e eu) uma experimentação que chamamos de corpos nômades inspirada pela leitura do livro “Devires de um corpo experiência” de Roberta Stubs (2019), e na qual pretendíamos mover forças ativas, transbordar potências de reinvenção de existências, ao cuidar de si.

Pensamos a experimentação, movidas pelas aproximações que percebemos ao que diz Stubs no capítulo do livro que tem o título “Um mesmo outro corpo”. Nele, ela conta a experiência que viveu em sua cidade ao encontrar no lixo um manequim de plástico do tamanho de uma criança: “O plástico sempre me disse algo do orgânico, e ali, um corpo de plástico me dizia ainda mais. [...] Para mim aquele corpo tinha uma memória, era um pedaço de plástico com uma pele suja e marcada de história” (STUBS, 2019, p.47).

Iniciamos a experimentação convidando as mulheres a entrarem na sala com os olhos vendados e pés descalços, e disse a elas o que faríamos: cobrir e enrolar seus corpos com plásticos. Enquanto elas permaneciam envoltas e cobertas pelo plástico, lancei perguntas e pedi que elas manifestassem as respostas com os corpos sem falar: O que sentiam? Que corpos eram esses? Estavam presas? O que prendia seus corpos? O que desejavam fazer? Queriam se mover? Libertarem-se? Experimentar outros corpos?

**Figura 16: Devires Mulher**



Fonte: Autora (2019).

Houve espera, silêncio e muito lentamente elas começaram a desvencilharem-se das capas escuras. Parecia que esperavam um comando para isso. Ficou nítido o quanto esses corpos manifestam marcas de sujeição. Corpos que são por muito tempo contidos, aprisionados, separados de tudo o que podem, governados, esperando comandos, para agir de acordo com o que “outros” determinam.

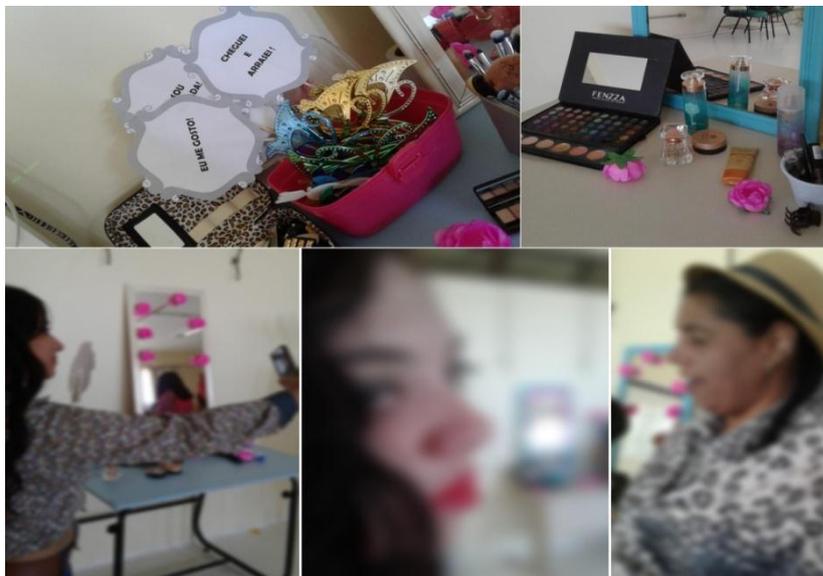
“O plástico é frio e artificial”, separa nossa carne do que pode o corpo, pois não deixa passar as forças que fazem ele vibrar: Acho que sobre minha pele uma carnada de plástico tem se instalado, aprisionando minha capacidade de afetar e ser afetada em moléculas poliméricas. [...] mas, se penso com Deleuze, recupero: o mais profundo é a pele. Cobrindo toda minha superfície, sei que é a pele o maior órgão do meu corpo e, por isso, suspeito também de que tê-la imobilizada vá interferir em minhas mais íntimas camadas. Não quero que meu corpo deixe de pulsar desejo e produção. Não quero ser apenas uma pele seca que perambula pela vida sem senti-la ou sentindo-a pela metade (STUBS, 2019, p. 48-49).

Segui perguntando se desejavam permanecer assim, dizendo que eram livres para fazer o que quisessem, e que somente elas eram donas de seus corpos. O comando. E assim foi possível observar o início de alguns movimentos, cada uma a seu tempo foi se desprendendo do que a aprisionava. Freirinha em movimentos mais rápidos começou a se desamarrar, o mesmo ocorria com Garça e Bem-te-vi, a qual fora a última a retirar o plástico que envolvia seu corpo.

Foi emocionante experimentar com elas esses movimentos e lembrar da trajetória de cada uma, perceber a expressão do desejo de liberar a potência criativa dos corpos, aprisionada em “um corpo todo encapado de rótulos, rótulos que nada dizem da potência de expansão da vida. Um corpo capturado e de sensações anestesiadas. Uma casca” (STUBS, 2019, p. 48).

Veio o próximo movimento do encontro; um ateliê de performances. Músicas, espelhos, maquiagens, perfumes, colares, chapéus, sapatos, lenços, enfim, diversos artefatos estavam ali para que elas experimentassem o prazer de performatizar seus corpos. Olhares surpresos demonstravam alegria ao contemplar tantos adereços. Disse que tudo o que estava no ambiente havia sido preparado para que desfrutassem, logo foram se direcionando para a bancada onde estavam as maquiagens. Era nítida a alegria em experimentar todas aquelas pinturas, escovas, perfumes. Víamos muito mais do que mulheres se embelezando, prestigiávamos a arte de quem cuida de si para se tornar bela aos seus próprios olhos<sup>12</sup>.

**Figura 17: Novas Performances**



Fonte: Autora (2019).

Depois, seguimos criando novas performances, dançamos, expandimos nossos corpos em movimentos que tomaram toda a sala e terminaram com o giro de uma dança em roda cantada, em que todas abraçadas romperam a atmosfera da sala com um grito de: Ahhh!!! Algo que surgiu de modo inusitado e que encheu o ambiente de prazer e risadas soltas. Experimentação clínico poética vivida intensamente por corpos misturados ao ambiente.

<sup>12</sup>Stubs (2019, p. 48) enumera tecnologias da pele que incidem sobre a amortização dos corpos, entre elas, cita: silicone, maquiagem, pílulas. Partindo daí, pode parecer contraditória a relação entre as duas atividades que fizemos na oficina. Pensamos não ser. Tendo em vista que a conotação que procuramos dar a essa experiência de embelezamento não segue a ideia de mascarar o corpo, cobrir a pele, mas performatizar transformações na pele que, depois de abandonar sua “casca”, descobre um cuidado de si, algo que pudesse causar prazer ao experimentar olhar-se no espelho e desfrutar de um tempo pra si, usar artefatos que não estão a sua disposição por força do mercado, mas que desejam experimentar, e tornar-se mais bela aos seus próprios olhos.

Então, sentamos no chão ofegantes e renovadas e começamos a conversar sobre o que tínhamos experimentado. Perguntei a elas como percebiam seus corpos e prazeres. Essa pergunta suscitou nelas uma relação não com as experimentações que acabávamos de vivenciar, mas com seus relacionamentos sexuais. Entre as falas, a recorrência de uma representação dada ao corpo aparece pelos modos como elas verbalizam desejos e prazeres sexuais. Bem-te-vi, a mais idosa do grupo, fala do sexo como coito, relação instintiva de acasalamento entre corpos masculinos e femininos, prática machista, a mulher como carne a saciar instintos masculinos brutais. Enquanto que Freirinha diz usufruir dos prazeres corporais como mulher que se impõe, não se sujeita, embora tenha que ter aprendido a gostar do seu corpo. E Garça também demonstra em sua fala a ideia de emancipação das mulheres na relação com os homens e os prazeres corporais. Ambas são mulheres jovens em idade e que, lembro, viveram situações de estupro.

Percebo nas falas, um retorno à produção dos corpos e prazeres ligados a matriz heterossexual binária da ordem patriarcal, machista e heteronormativa, em que categorias corpo e sexo são vistas como equivalentes e identificadas pelos órgãos genitais masculinos e femininos, com base em relações hierárquicas entre homens e mulheres. Ser homem ou ser mulher aparece como “fato natural” que produz discursivamente gênero e sexo no interior da categoria corpo e o prazer como coito, em que prepondera os desejos carnis dos homens, cabendo às mulheres submeterem-se ou se libertarem do poder masculino, como elas disseram: “Os homens são brutos, estúpidos, não sabem dar carinho. Eu prefiro ser só amiga e companheira do que ter que fazer aquilo ali” (referindo-se a sexo); “O que vale é a palavra do homem a mulher não tem voz”. (Bem-te-vi); “A mulher tem que se impor para encontrar respeito. Os homens são machistas. Meu pai é um exemplo de homem machista, a mulher dele não pode usar nem um decote. A mulher não pode se sujeitar a isso. Ele não é teu dono. Te impõe, tu tem voz! A mulher tem a vida dela e faz o que ela quiser”; “O corpo é meu, eu uso o que eu quero, me visto do jeito que eu quero, eu tenho o livre acesso sobre ele” (Freirinha); “Não me entrego pra qualquer pessoa, existem pessoas que agridem até no jeito de olhar” (Garça).

Identifico nesses discursos aproximação com o que nos diz Butler (2018, p. 56).

O gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra.

Logo, “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser” (BUTLER, 2018, p. 69).

Noções de corpo, gênero e sexo, como unidades artificiais correlatas, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações, prazeres, são atribuídas e repetidas no interior de uma cultura heteronormativa e patriarcal. Produção de agenciamentos coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos de desejos (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Ordem discursiva construída historicamente pelo Cristianismo e as Ciências Modernas, principalmente a Medicina e a Psiquiatria, para dar conta de manter a “verdade” universalizante do binário e o controle dos corpos e das diferentes expressões de sexualidades numa ordem estável e normalizadora das relações sexuais.

Penso que os movimentos dos corpos que experimentamos vão além do que elas disseram acerca de seus corpos como formas naturais, estilizadas, erotizadas, organizadas pela ordem natural ou moral presente nas representações manifestadas em seus discursos. Lembremos que as práticas discursivas têm relação direta com poder e saber e que, em nossa sociedade, circula certa ordem do discurso, interdições e disputas que agem a vontade de saber, determinações do que é a verdade. Também, segundo Foucault (1986, p. 25):

Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis uma ao outro: por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem.

Então, entendo que essas forças reativas se manifestam nos discursos de mulheres que retornam ao mesmo, as circunstâncias em que viveram a violência sexual e que atravessam seus corpos. Repetição de uma ordem estável, naturalizada e normalizadora dos discursos que aprendemos no contexto das macropolíticas que definem verdades sobre nossas existências no mundo, uma identidade e um lugar social generificado.

Mas, creio que nossos encontros projetam possibilidades de desvios e criação de “territórios de lutas micropolíticas” (STUBS, 2019) como brechas que perfuram estratos definidores da vida social, como as identificações de gênero e as violências sexuais que segregam e aprisionam corpos. Agimos para desterritorializar segmentariedades organizadas, significadas, atribuídas, e traçar cortes entre as máquinas de guerra que capturam desejos, fazendo de nós organismo do corpo social pleno. Movemos forças ativas ao operar cortes de

fluxo em relação a essa máquina de guerra que estamos conectados e nos embretamos em sua decomposição, expulsar o organismo e sua organização, desejantes de que o corpo coletivo se torne corpo sem órgãos, vivo, fervilhante, povoado de multiplicidades (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

### 4.1.3 Bando

Cada um passa por tantos corpos em cada um  
(DELEUZE; GUATTARI, 2012)

Usamos o termo bando para falar do quarto encontro, pensando que essa experiência deu vida ao conceito multiplicidades de Deleuze e Guattari (2011), sem que essa seja entendida como totalidade perdida ou um estado puro de unidades dispostas num conjunto, mas multiplicidades de multiplicidades que não param de fazer-se e se desfazer. Multiplicidades que contêm estratos condensados, mas que contêm também forças e linhas de fuga que, ao misturar potências, sem imitar modelos ou obedecer a um fim, expandem fronteiras, constituem um corpo coletivo agenciado pela alegria de encontros intensivos, conjunções de fluxos, reuniões momentâneas, campo de imanência de desejosa perfurar segmentaridades.

Assim foi que, ao nos movermos para realizar o quarto encontro do Projeto, multiplicamos forças nessa empreitada. Tudo foi meticulosamente preparado para agenciar o encontro e constituir o corpo coletivo (corpo sem órgãos), reunido em bando, no Cesarino, um espaço de lazer da nossa cidade, que foi gentilmente aberto pela proprietária para nos acolher. Um lugar lindo! Repleto de árvores, gramíneas, ar puro, sol, aromas, seres vivos e tantas outras coisas que para lá levamos e lá sentimos pulsar em forças vitais.

Foi um dia vivido intensamente. Desde manhã quando nos envolvemos com os preparativos do almoço, entre rodas de chimarrão, rodas de violão, jogos, correrias das crianças, conversas, risos e abraços soltos ao vento.

À tarde, experimentamos as artes circenses com integrantes da Companhia de Teatro Borges, Juliane, também integrante do Grupo Philos, e Dionatan que multiplicaram as cores e alegrias do encontro.

**Figura 18: Rizomas 1**

Fonte: Autora (2019).

Enquanto observava os integrantes do grupo, as mães e as crianças manipularem os malabares, eu via muito além de objetos a serem lançados no ar, minha percepção lançava-se para além do que meus olhos captavam. Naquele momento, eu via a vida em um movimento incessante de contágio que organizava novos modos de ser e estar no mundo.

Através das interações, das conversas, das trocas e experiências, um coletivo de multiplicidades se constituía de forma livre, fluida e criativa. Desenhava-se o bando, sempre em revoadas e pousos, rizomas, linhas, forças ativas, fluxos e devires.

**Figura 19: Rizomas 2**

Fonte: Autora (2019).

Por fim, penso que as forças experimentadas a cada encontro aqui cartografado dão indícios da potência que há na “vida como iniciação à vida”, “[...] pensada na sua *virtualidade*, apta, portanto, a atualizar-se em formas diversas, justamente por não estar presa a uma forma-de-vida” (PELBART, 2019, p. 19). Vida como iniciação assim apresentada por esse autor:

É pela *vida individual* que se tem acesso à *vida mesma*. Em outros termos, é através da *existência pessoal* que se atinge a *dimensão impessoal* que nos atravessa e extrapola – essa *matéria vital* que não pertence a ninguém, [...] É pela vida tomada como *arte*, procedimento, *techné* que ela se torna via de acesso singular à vida à qual se é iniciado, isto é, a vida não dada, desconhecida, a ser descoberta, em vias de ser (re)inventada. É pela vida que *passa* (ou pela qual passamos) que se atinge a vida que *se experimenta* (ou que nos experimenta). Ou ainda: é pela vida *a partir da qual contemplamos* o que nos sucede que se revela a vida que *nos põe a prova* [...] Enfim, é pela vida como repetição, reiteração, que se afirma a vida como engendramento de diferenças, heterogênese, devir-outro – em suma, transformação intensiva (IDEM, 2019, p. 31).

Vidas que experimentamos, mas que não se encerra num final feliz dos contos de fadas, nem mesmo se reduz a um processo evolutivo de esgotamento das dores e sofrimentos pela vitória de uma subjetividade purificada. Morrer e renascer das cinzas é o que se fez e se faz, movimento incessante de forças de composição e decomposição, poder de afetar e afetar-se pela vida enquanto vivida, plano de imanência em constante construção.

## 5 REVOADAS: VIDAS QUE PASSAM, PASSARÃO, PÁSSAROS...

Uma vontade, um anseio se agita, de ir adiante, aonde for, a todo custo; uma veemente e perigosa curiosidade por um mundo indescoberto flameja e lhe inflama os sentidos... Uma pálida, refinada felicidade de luz e sol que lhe é peculiar, uma sensação de liberdade de pássaro, de horizonte e altivez de pássaro (NIETZSCHE, 2017).

Não sei se escolhi a psicologia ou se por ela fui escolhida, mas nessa profissão me realizo a cada dia, passando por inúmeros processos de destruição de certezas. Hoje, percorro caminhos novos, me afasto do conforto de algumas práticas, teorias e linhas de abordagem que seguia, sei que não as abandonei por completo (seria isso possível?), apenas me atrevo a vislumbrar novas paisagens, ensaiar outros voos, perceber e escrever sobre o desejo de mover certezas pré-concebidas, cedendo lugar a novas perspectivas.

As experiências que vivi constituem minha existência até aqui como psicóloga e pesquisadora desejante de mais aprendizados. Creio que somos e agimos de acordo com o que pensamos e sentimos, e atuamos na vida movidos por afectos e perceptos. Somos o resultado das nossas interações no mundo, carregamos em nossos corpos um enorme potencial transformador, mas infelizmente temos registros de memórias incapacitantes e poucos de nós sabemos que a memória também pode ser transformada. Penso que, como psicólogos/as e educadores/as podemos ir além dos agenciamentos que conformam nossas práticas à tradição moderna, temos potências para investir em deslocamentos do que nos impede de agir em compromisso com a vida.

Minha atuação no Projeto(Re)Inventar Existências aconteceu enquanto psicóloga-pesquisadora-educadora que assumiu a condição de experimentar, acompanhar e impulsionar movimentos, fluidez de pensamentos e emoções minhas e de pessoas que estavam ali reunidas em bando.

Atravessada pela intenção de agenciar tais movimentos, me dispus a compor a cartografia de encontros com mulheres e crianças e experimentar com elas a (re)invenção de existências, desenhando territórios existenciais repletos de alegria e cuidado de si e dos outros/as. Coragem para encontrarmo-nos com o inusitado e desmontar verdades que se condensam em estratos de ordens e discursos da cultura heteronormativa, machista e patriarcal, e incitar o desejo delas escapar.

Contudo, penso que nas experimentações do Projeto, forças reativas e ativas estiveram em constante duelo e alternância, pois, em muitos momentos, as narrativas, os corpos e as ações remeteram a conformidade e permanência de uma sobrevivida de mulheres que assumem

como natural as desigualdades de gênero próprias da cultura patriarcal e machista, o que define condições de subalternidade nas relações familiares, conjugais e profissionais. Forças reativas que revigoram acontecimentos tristes, dores, sofrimentos, culpabilização e vitimização como reações às violências sexuais praticadas e marcadas nos corpos de mulheres e crianças. Corpos que enfraquecem potências vitais.

Mas, os corpos podem mais e as forças ativas também agem quando aparecem nas ações e narrativas das mulheres e crianças ao manifestarem e ensaiarem desvios para além do que está dado pelos padrões culturais e sociais majoritários.

Mais do que o ato de pronunciar e prescrever respostas, a escuta sensível, ativa e amorosa levou-me a experimentar esses movimentos de instabilidades e incertezas, envolvendo-me com os demais seres dessa experiência na produção de devires-fênix, (re)nascimentos das cinzas as quais possibilitam outras vidas.

Territórios existenciais cujas experimentações agenciaram afectos e perceptos e potencializaram cuidado de si na relação com os/as outros/as. Ensaíamos a produção de forças ativas que nos anunciam a criação da vida como obra de arte, conceito foucaultiano retomado por Deleuze (1992, p.141) quando diz: “só podemos evitar a morte e a loucura se fizermos da existência um ‘modo’, uma ‘arte’”. Vida como obra de arte e cuidado de si, nas palavras do próprio Foucault (2010, p. 234):

[...] uma arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência, de sua forma universal e do vínculo que se pode e deve estabelecer com outros, dos procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania sobre si.

Assim, compomos territórios existenciais de encontros e produção de devires-fênix, cuja intensidade é impossível de ser fielmente traduzida ou interpretada. Cada experiência vivida expressa o desejo de (re)existir de outros modos. Corpos que se transfiguraram pelo contágio de pura energia e alegria.

## 6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. *In*: LIRA, K. F. S.; BARROS, A. M. Violência contra as mulheres e o patriarcado: Um estudo sobre o sertão de Pernambuco. **Revista Ágora**, n. 22, p. 275-297, 2015.

ALMEIDA, Chris. **A Lenda da Fênix**. Disponível em: [chrisallmeida.com/blog/2014/11/a-lenda-da-fenix](http://chrisallmeida.com/blog/2014/11/a-lenda-da-fenix). Acesso em: 29 mai. 2019.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROS, Laura Pozzano; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. *In*: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCOSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p. 52-75, 2015.

BENEVIDES, Pablo S. Psicologia, diferença e epistemologia: percorrendo os (des)caminhos de uma constituição paradoxal. **Psicol. rev.**, v.19, n. 3, Belo Horizonte, p. 463-479, 2013.

BOM-TEMPO, Juliana S. Por uma clínica poética: experimentações em risco nas imagens em performance. 2015. 209 p. **Tese (Doutorado)**, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/254138>. Acesso em: 27 ago. 2019.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, n. 248, 23 dez.1996. Seção 1, parte 1, p. 27833, col. 1.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v. 4, 16 jul.1990. Seção 1, parte 1, p. 2379.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações Técnicas: Creas**. Brasília, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico 27**. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. v. 49, jun. 2018.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2018.

CÂMARA, Adriane P. Masculinidade heterossexual e pedofilização: apontamentos iniciais para um debate. **Revista Ártemis**, v. 6, n. 1, p. 49-57, 2007.

CANGUILHEM, George. O que é a Psicologia? Tradução Maria da Glória Ribeiro da Silva. **Revista Tempo Brasileiro**, n. 30-31, 1995, p. 104-123. Disponível em: [http://posds.idance.com.br/wp-content/uploads/2009/07/que\\_psicologia.pdf](http://posds.idance.com.br/wp-content/uploads/2009/07/que_psicologia.pdf) Acesso em: 03 jun. de 2020.

CAMPOS, Marta Silva. O casamento da política social com a família: feliz ou infeliz? *In*: MIOTO, R. C. T; CAMPOS, M. S; CARLOTO, C. M. (orgs.). **Familismo, direito e cidadania**: contradições da política social. São Paulo: Cortez, 2015.

CASTRO, Lucia R. de. A infância e seus destinos no contemporâneo. **Psicologia em Revista**, v.8, n.11, p.47-58, jun. 2002.

CECCIM, Ricardo B; PALOMBINI, Analice de L. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 301-312, 2009.

CERVO, Michele da R.; SILVA, Rosane A. N. Um olhar sobre a patologização da infância a partir do CAPSI. **Revista Subjetividades**, n. 14 (03), p. 442-453, dez. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692014000300008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000300008) Acesso em: 03 jun. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter PálPelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTTARI, Felix. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia 2**, v. 01. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTTARI, Felix. **Mil Platôs - capitalismo e esquizofrenia 2**, v. 05. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTTARI, Felix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Joana Moraes Varela e Manoel Maria Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvin, 2004.

DORON, Roland; PAROT, Françoise (orgs.) **Psicologia Clínica. Dicionário de Psicologia**, v.1. São Paulo: Ática, p. 144-145, 1998.

ELO7. **Fênix no Elo 7**. Disponível em: [elo7.com.br?fenix/dp/1000AC](http://elo7.com.br?fenix/dp/1000AC). Acesso em: 22 abr. 2020.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege: Enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007. Disponível em: [mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=638-vol-31-escqprotege-elet-pdf&Itemid=30192](http://mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=638-vol-31-escqprotege-elet-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 22 jul. 2019.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-posições**, v. 14, n. 3, p. 119-130, 2003.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? **Caderno Pagu**, n. 26, p. 201-223, 2006.

FISCHER, Rosa Maria B. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **Perspectiva**, v. 21, n. 02, p. 371-389, jul./dez. 2003.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 7.ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 13.ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas**. 8. ed. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito: Curso dado no Collège de France (1981-1982)**. 3.ed. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, Michel. A psicologia de 1850 a 1950. *In*: MOTTA, Manuel B(org.). **Ditos e escritos V**. Tradução de V. L. Ribeiro, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GARCIA, Fernando Herraiz. Hombre...Hombre...Hombre...Un estudio singular en torno a las representaciones de la masculinidade en el contexto educativo espanol de la década de los setenta. *In*: MARTINS, R.; MARTINS, A. F. (orgs.). **Interações com visualidades em contextos de ensinar e aprender**. Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura visual, Goiânia UFG, p. 125-150, 2012.

GUATARRI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEINE, Júlia Assumpção. Intergeracionalidade da violência em relações afetivo sexuais na adolescência: Associações com a violência conjugal dos pais e maus tratos na infância. **Monografia (Graduação em Psicologia)**, do Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2017.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LEAL, Maria Lúcia P.; LEAL, Maria de Fátima (Org.). **Pesquisa sobre tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil**. Brasília: CECRIA, 2002.

LISPECTOR, Clarice. Amor. *In*: NOGUEIRA JR., Arnaldo. **Projeto Releituras**. Disponível em: [http://www.releituras.com/clispector\\_amor.asp](http://www.releituras.com/clispector_amor.asp). Acesso em: 19 ago. 2020.

LIRA, Kalline Flávia S.; BARROS, Ana Maria de. Violência contra as mulheres e o patriarcado: Um estudo sobre o sertão de Pernambuco. **Revista Ágora**, n. 22, p. 275-297, 2015.

MACHADO, Lia Z. **Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. Serie Antropológica UNB: Brasília, 2001.

MELLO, Magda M.; SANTOS, Janaina D. Infância, loucura e alteridade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 3, p. 314-321, set./dez. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência: um velho-novo desafio para a atenção à saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 29, n. 1, p. 55-63, 2005.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; NEVES, Edwiges de Oliveira. O Surgimento da Clínica Psicológica: Da Prática Curativa aos Dispositivos de Promoção da Saúde. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 27, n. 4, p. 608-621, 2007. Disponível em: [pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v27n4/v27n4a04.pdf](https://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v27n4/v27n4a04.pdf). Acesso em: 22 jul. 2019.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 49-55, Porto Alegre, jan./abr. 2006.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano Demasiado Humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia do Bolso, 2017.

NUNES, Luciana B. Cenas etnográficas para entender representações de masculinidades na escola. **Educação**, v. 41, n. 2, p. 483-494, maio/ago. 2016.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. B. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCOSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, p.17-31, 2015.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina B. B. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V; ESCOSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, p.150-171, 2015.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio do Assombro**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SANFELICE, Mirela Massia. Violência de Gênero: Um estudo das relações de gênero de homens autores de abuso sexual contra crianças em Santa Maria, **Tese (Mestrado em Ciências Sociais)**. Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.

SANTOS, Edina Maria de S. O trabalho profissional do assistente social na área da assistência social no município de Santo Antônio de Jesus: reflexões sobre os limites e possibilidades. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social)**. Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA, 2012.

SCHREINER, Marilei Teresinha. O abuso sexual numa perspectiva de gênero: o processo de responsabilização da menina. **Dissertação (Mestrado em Serviço Social)**, Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SPAZIANI, Raquel B.; MAIA, Ana Cláudia B. Violência sexual contra meninas: entrelaçamentos entre as categorias gênero, infância e violência. **Seminário Internacional Fazendo Gênero (Anais eletrônicos)**, Florianópolis, 2017.

SILVEIRA, Sandra; SCHWARTZ, Cristina. De meninas a mulheres: violência sexual e seus silenciamentos. **Seminário Internacional Fazendo Gênero (Anais Eletrônicos)**. Florianópolis, 2017.

SIMÕES, Aline G. S.; VOSS, Dulce Mari da S. Violência sexual contra crianças e adolescentes: uma prática recorrente nos atendimentos do CREAS, Bagé (RS). **Anais do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade**, Universidade Federal do Rio Grande (RS), 2018. Disponível em: [7seminario.furg.br/images/arquivo/301.pdf](http://7seminario.furg.br/images/arquivo/301.pdf). Acesso em: 22 jul. 2019.

SOUZA, Samuel Silva. Violência sexual contra meninos no município de Corumbá/MS no período de 2006 a 2015. **Dissertação (Mestrado em Educação)**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Corumbá, Corumbá, Mato Grosso do Sul, 2017.

STUBS, Roberta. **Devires de um corpo-experiência**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

XAVIER FILHA, Constantina. Violência sexual contra crianças: ações e omissões nas/das instituições educativas. *In*: XAVIER FILHA, C. (org.). **Sexualidades, gênero e diferenças na educação das infâncias**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p. 131-165, 2012.

YONEZAWA, Fernando H. Afirmar uma psicologia fortalecedora da vida com Nietzsche e Deleuze. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 26, n. 3, p. 853-876, set./dez. 2014. Disponível em: [scielo.br/pdf/fractal/v26n3/0104-8023-fractal-26-03-0853.pdf](http://scielo.br/pdf/fractal/v26n3/0104-8023-fractal-26-03-0853.pdf). Acesso em: 14 abr. 2019.

# APÊNDICES

## Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: Projeto de Extensão “(Re)inventar existências”

Responsáveis: Profa. Dra. Dulce Mari da Silva Voss (coordenadora) e Aline Giorgis Santos Simões (co-coordenadora)

Equipe Executora: Andressa Pinto Costa, Boris Ximendes Bonfanti, Daniela Delfim Cruz, Débora do Couto Pereira, Eliada Mayara Cardoso da Silva Alves, German Campos Jauregui, Gustavo Giorgis Santos, Isadora Paiva, Marcelo Augusto Simões, Marleci de Souza Gonçalves, Semíramis Martins Corrêa.

Grupo de Pesquisa proponente do Projeto: Philos Sophias (UNIPAMPA)

Você está sendo convidada para participar, como voluntária no Projeto de Extensão “(Re)inventar existências” que tem por objetivo constituir territórios de promoção de educação e saúde no espaço físico da Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé) por meio de encontros com o Grupo de Pesquisa Philos Sophias, buscando criar redes de relações de cuidado de si e dos/as outros/as e (re)inventar existências. Esses dados também servirão para a pesquisa de Mestrado em Ensino da discente Aline Giorgis Santos Simões cuja temática refere-se à superação das circunstâncias e das dores causadas pela violência sexual na infância e adolescência.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre os projetos em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interrompê-lo a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Informamos ainda que manteremos em sigilo os nomes dos sujeitos participantes, preservando sua identidade profissional e resguardando-os de danos morais e sociais que possam afetar sua carreira ou imagem. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação serão assumidos pelo Grupo de Pesquisa e a instituição proponentes. Esse instrumento, também autoriza a divulgação e a exposição de filmagens e imagens feitas no trabalho. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas através de artigos ou apresentações em eventos da área da educação, além de comporem a Dissertação de Mestrado em Ensino da discente co-coordenadora do projeto.

Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do projeto assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela docente responsável.

Nome(s) dos/as Participantes ou responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Assinatura da Coordenadora do Projeto: \_\_\_\_\_

Bagé, 14 de setembro de 2019.

## Apêndice B – Questionário Sócio-Econômico Familiar

### QUESTIONÁRIO SOCIO-ECONÔMICO FAMILIAR

Nome completo: \_\_\_\_\_  
 CPF: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_  
 Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_  
 CEP: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_  
 Estado civil: \_\_\_\_\_ Nº de filhos: \_\_\_\_\_

01) Quantos membros da sua família moram com você?

1  2  3  4  5  mais de 5

02) Quadro Familiar

Abaixo deverão ser lançados dados sobre sua família de origem. VOCÊ INCLUSIVE!

Membro da família	Idade	Escolaridade	Parentesco	Profissão	Renda Mensal (Valor Bruto)
Renda Bruta Total da Família R\$			Renda per capita R\$		

03) Você ou algum membro de sua família são beneficiários de Programas Sociais, como Bolsa Família, Benefício de Assistência Social, etc.)?

Sim. Qual? \_\_\_\_\_ Valor R\$: \_\_\_\_\_

Não.

04) Você e sua família residem?  Zona Urbana  Zona Rural

05) Você e sua família residem?  Imóvel próprio  Imóvel Alugado

**06) Marque as características que melhor descrevem a sua casa. Observação: Pode marcar mais de uma opção.**

Residência com acabamento.

Residência sem acabamento, sem reboco, pintura, piso, banheiros inacabados, etc.

**Possui:**  Rede de Esgoto  Fossa  Banheiro  Chuveiro  Água  Luz

**Cobertura:**  Laje  Telha  Outros.

**Piso:**  Cimento  Taco  Cerâmica  Outros.

**Número de Cômodos:** \_\_\_\_\_

**07) Qual seu grau de escolaridade?**

Não alfabetizado

Ensino fundamental incompleto.

Ensino fundamental completo.

Ensino médio incompleto.

Ensino médio completo.

Ensino superior incompleto.

Ensino superior completo.

**08) Você trabalha atualmente?**

Sim  Onde? \_\_\_\_\_

Não

**09) Qual atividade você desenvolve em seu dia a dia?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**10) Quais suas habilidades e quais as atividades que você gosta de desenvolver?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## **ANEXO**

ANEXO A – AMOR<sup>13</sup>

Clarice Lispector

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem. Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera.

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranqüila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

<sup>13</sup>Texto extraído no livro “Laços de Família”, Editora Rocco – Rio de Janeiro, 1998, pág. 19, incluído entre “Os cem melhores contos brasileiros do século”, Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2000, seleção de Ítalo Moriconi. [http://www.releituras.com/clispector\\_amor.asp](http://www.releituras.com/clispector_amor.asp)

O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se apumar em desconfiança? Alguma coisa intranquã estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar — o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se apumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgia-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito.

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas da rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão — e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram.

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. Na Rua Voluntários da Pátria parecia prestes a rebentar uma revolução, as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado. Um cego mascando chicles mergulhara o mundo em escura sofreguidão. Em cada pessoa forte havia a ausência de piedade pelo cego e as pessoas assustavam-na com o vigor que possuíam. Junto dela havia uma senhora de azul, com um rosto. Desviou o olhar, depressa. Na calçada, uma mulher deu um empurrão no filho! Dois namorados entrelaçavam os dedos sorrindo... E o cego? Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite - tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca.

Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava, tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite.

Era uma rua comprida, com muros altos, amarelos. Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento mais morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto. Ficou parada olhando o muro. Enfim pôde localizar-se. Andando um pouco mais ao longo de uma sebe, atravessou os portões do Jardim Botânico.

Andava pesadamente pela alameda central, entre os coqueiros. Não havia ninguém no Jardim. Depositou os embrulhos na terra, sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo.

A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si.

De longe via a aléia onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho.

Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais.

Um movimento leve e íntimo a sobressaltou — voltou-se rápida. Nada parecia se ter movido. Mas na aléia central estava imóvel um poderoso gato. Seus pêlos eram macios. Em novo andar silencioso, desapareceu.

Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.

Ao mesmo tempo que imaginário — era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dâlias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega — era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda. Quase corria — e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto.

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito — o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu. Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava — que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava. Apertou-o com força, com espanto. Protegia-se tremula. Porque a vida era periclitante. Ela amava o mundo, amava o que fora criado — amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a. Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal — o cego ou o belo Jardim Botânico? — agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles... Tenho medo, disse. Sentia as costelas delicadas da criança entre os braços, ouviu o seu choro assustado. Mamãe, chamou o menino. Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe. A criança mal sentiu o abraço se afrouxar, escapou e correu até a porta do quarto, de onde olhou-a mais segura. Era o pior olhar que jamais recebera. O sangue subiu-lhe ao rosto, esquentando-o.

Deixou-se cair numa cadeira com os dedos ainda presos na rede. De que tinha vergonha?

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver.

Já não sabia se estava do lado do cego ou das espessas plantas. O homem pouco a pouco se distanciara e em tortura ela parecia ter passado para o lados que lhe haviam ferido os olhos. O Jardim Botânico, tranquilo e alto, lhe revelava. Com horror descobria que pertencia à parte forte do mundo — e que nome se deveria dar a sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar um leproso, pois nunca seria apenas sua irmã. Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes. Ah! era mais fácil ser um santo que uma pessoa! Por Deus, pois não fora verdadeira a piedade que sondara no seu coração as águas mais profundas? Mas era uma piedade de leão.

Humilhada, sabia que o cego preferiria um amor mais pobre. E, estremeendo, também sabia por quê. A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego! pensou com os olhos molhados. No entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja. Estou com medo, disse sozinha na sala. Levantou-se e foi para a cozinha ajudar a empregada a preparar o jantar.

Mas a vida arrepiava-a, como um frio. Ouvia o sino da escola, longe e constante. O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água - havia o horror da flor se entregando lânguida e

asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d'água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror. Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifés, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos.

Depois o marido veio, vieram os irmãos e suas mulheres, vieram os filhos dos irmãos.

Jantaram com as janelas todas abertas, no nono andar. Um avião estremecia, ameaçando no calor do céu. Apesar de ter usado poucos ovos, o jantar estava bom. Também suas crianças ficaram acordadas, brincando no tapete com as outras. Era verão, seria inútil obrigá-las a dormir. Ana estava um pouco pálida e ria suavemente com os outros. Depois do jantar, enfim, a primeira brisa mais fresca entrou pelas janelas. Eles rodeavam a mesa, a família. Cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos. Riam-se de tudo, com o coração bom e humano. As crianças cresciam admiravelmente em torno deles. E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu.

Depois, quando todos foram embora e as crianças já estavam deitadas, ela era uma mulher bruta que olhava pela janela. A cidade estava adormecida e quente. O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? Qualquer movimento seu e pisaria numa das crianças. Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico.

Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa! pensou correndo para a cozinha e deparando com o seu marido diante do café derramado.

— O que foi?! gritou vibrando toda.

Ele se assustou com o medo da mulher. E de repente riu entendendo:

— Não foi nada, disse, sou um desajeitado. Ele parecia cansado, com olheiras.

Mas diante do estranho rosto de Ana, espiou-a com maior atenção. Depois atraiu-a a si, em rápido afago.

— Não quero que lhe aconteça nada, nunca! disse ela.

— Deixe que pelo menos me aconteça o fogão dar um estouro, respondeu ele sorrindo.

Ela continuou sem força nos seus braços. Hoje de tarde alguma coisa tranqüila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.

Acabara-se a vertigem de bondade.

E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.